

UNESP – Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Filosofia e Ciências
Campus de Marília

Bruna Vilas Bôas

PROCEDIMENTOS PEDAGÓGICOS NO ENSINO FUNDAMENTAL
VOLTADOS PARA A PREVENÇÃO DE QUEDAS ACIDENTAIS.

Marília
2013

Bruna Vilas Bôas

**PROCEDIMENTOS PEDAGÓGICOS NO ENSINO
FUNDAMENTALVOLTADOS PARA A PREVENÇÃO DE QUEDAS
ACIDENTAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Marília, para defesa visando à obtenção do título de Mestre em Educação (Área de Concentração: Ensino na Educação Brasileira. Linha: Ensino, Aprendizagem Escolar e Desenvolvimento Humano).

Orientadora: Prof^a. Dra. Sandra Regina Gimenez-Paschoal

Marília
2013

Vilas Bôas, Bruna.

V697p Procedimentos pedagógicos no ensino fundamental voltados para a prevenção de quedas acidentais / Bruna Vilas Bôas. – Marília, 2013.

83 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2013.

Bibliografia: f. 85-105

Orientador: Sandra Regina Gimenez-Paschoal.

1. Prevenção de acidentes infantis. 2. Ensino fundamental. 3. Jogos educativos. I. Autor. II. Título.

CDD 371.7

Bruna Vilas Bôas

**Procedimentos pedagógicos no ensino fundamental voltados para a
prevenção de quedas acidentais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Marília, para defesa visando à obtenção do título de Mestre em Educação (Área de Concentração: Ensino na Educação Brasileira. Linha: Ensino, Aprendizagem Escolar e Desenvolvimento Humano).

Aprovação: Marília, 22 de Fevereiro de 2013.

Membros componentes da banca examinadora

Presidente e orientadora _____

Profa. Dra. Sandra Regina Gimenez-Paschoal

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Marília

2º Examinador _____

Dra. Alessandra de Moraes Shimizu

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Marília

3ª Examinadora _____

Dra. Raimunda Abou Gebran

Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente

Bendito seja Deus que não rejeitou minha oração, nem desviou de mim o Seu amor (Salmo, 66).

Agradecimentos

A Deus, pela oportunidade de seguir nos meus sonhos, pelas ricas vivências e aprendizagens adquiridas durante minha vida e pelo fortalecimento que me permitiu prosseguir nos caminhos necessários para o meu crescimento acadêmico e pessoal.

À minha orientadora, professora doutora Sandra Regina Gimeniz-Paschoal, pelas oportunidades oferecidas, por ter confiado em mim e por todos os ensinamentos que me transmitiu, não somente aqueles relacionados à pesquisa e à ética, mas também de determinação e coragem para a conquista de nossos ideais.

Às professoras e doutoras Alessandra de Moraes Shimizu e Raimunda Abou Gebran, pela disponibilidade e pelas sugestões oferecidas durante a banca de avaliação, contribuindo para a redação deste trabalho.

Às professoras e doutoras Tânia Moron Saes Braga e Sílvia Aparecida Fornazari, que aceitaram muito gentilmente serem membros suplentes da banca de avaliação.

Ao professor e doutor Sebastião Marcos Ribeiro de Carvalho, pela disponibilidade no auxílio estatístico para análise dos dados coletados.

Aos meus pais, José Vilas Bôas e Lucia Helena da Silva Camargo Vilas Bôas, por seu amor e dedicação para com a nossa família, por tudo o que fizeram por mim para que eu pudesse prosseguir em meus estudos e alcançar meus ideais, pelos valores e princípios que me ensinaram a cultivar.

Às minhas irmãs, Nayara Vilas Bôas e Isabela Vilas Bôas, pela ajuda nos momentos em que precisei e pela torcida para que no final tudo acabasse bem.

Aos meus familiares, especialmente aos meus tios Antenor Francisco da Silva e Neusa da Silva, pelos momentos de acolhimento em razão da distância da minha família, pelo seu incentivo para que eu não desistisse de lutar e por suas orações constantes por mim.

Aos meus amigos, pelos momentos especiais que passamos juntos e que permitiam a renovação das minhas forças para seguir adiante. Um agradecimento especial à Cristiane

Regina Sanches, por todo o seu cuidado comigo, e ao Victor Bath Pereira Nunes Monteiro, pelo incentivo em prestar a prova do mestrado, o que favoreceu a concretização desse ideal.

Aos membros do Grupo de Pesquisa Educação e Acidentes - EDACI, pela partilha de momentos de aprendizagem e companheirismo.

Aos professores e colegas da pós-graduação, pelos momentos de alegria e crescimento acadêmico que me proporcionaram.

Aos diretores, coordenadores e alunos que participaram desse estudo, por terem consentido a realização dessa pesquisa e pelo acolhimento durante o período em que estive nas escolas.

Ao CNPq pelo apoio financeiro, que permitiu a dedicação exclusiva para a realização desse estudo.

Resumo

Os acidentes infantis constituem um problema de saúde pública mundial, por causar elevada morbimortalidade, com as quedas ocupando lugar de destaque. Ações educativas podem contribuir para a prevenção destes acidentes, mas ainda são incipientes, sobretudo nas escolas. O objetivo desta pesquisa consistiu em avaliar o efeito de dois procedimentos pedagógicos na aprendizagem de conceitos sobre a prevenção de quedas acidentais infantis. A pesquisa foi realizada em uma escola da rede municipal de ensino fundamental de uma cidade localizada no interior paulista, com aproximadamente 220 mil habitantes, mais especificamente com quatro turmas do quarto ano do ensino fundamental. Participaram quatro professores, sendo três do sexo feminino, e 63 alunos, sendo 54% do sexo feminino. Utilizou-se um livro paradidático com atividades complementares e um jogo educativo, ambos com conteúdos similares e voltados para a temática da prevenção de quedas acidentais infantis, bem como questionário para os professores e para os alunos. Cada turma de alunos constituiu um grupo, assim, 15 alunos compuseram o grupo do jogo educativo (GJE), 16 o grupo controle do jogo educativo (CJE), 16 o grupo do livro paradidático (GLP) e 16 o grupo controle do livro paradidático (CLP). Os alunos dos quatro grupos responderam a um questionário (pré e pós teste) sobre a temática em dois momentos, com intervalo de duas semanas. Os dois grupos controles não receberam intervenção. Os outros dois grupos receberam intervenção logo após a aplicação do questionário inicial, em sala de aula, integrando-se às atividades curriculares. Para os professores dos grupos intervenção (GLP e GJE) foram aplicados questionários para avaliação das ações realizadas. Os dados foram analisados estatisticamente por meio do teste de MacNemar. Verificou-se que os escolares apresentaram elevado percentual de conhecimentos prévios corretos e os dois procedimentos pedagógicos aumentaram o percentual de respostas corretas para a maior parte das questões trabalhadas, com aumento de até 36,7%, com diferenças não estatisticamente significativas. Os resultados referentes ao grupo do livro paradidático (GLP) foram similares aos do grupo do jogo educativo (GJE), sendo que os itens “soltar pipa em laje/telhado” e “descer de cabeça para baixo no escorregador”, tiveram um aumento de 63,3% no pré teste para 100% no pós teste do grupo do jogo educativo, e no grupo do livro paradidático o item referente a “tropeçar em brinquedos espalhados pelo chão” aumentou de 68,8% para 100% no pré e pós teste, respectivamente. Os professores avaliaram de forma satisfatória o trabalho que foi realizado. Concluiu-se que os procedimentos pedagógicos tiveram boa aceitação por parte dos professores, são passíveis de serem utilizados em sala de aula e podem contribuir para a aprendizagem de conceitos voltados para a prevenção de quedas acidentais.

Palavras –chaves: procedimentos pedagógicos; prevenção de quedas acidentais infantis; ensino fundamental; livro paradidático; jogo educativo.

Abstract

The childhood accidents are a public health problem worldwide, for to cause high morbidity and mortality, with the falls stood out. Educational activities may contribute to the prevention of accidents, but are still incipient, particularly in schools. The objective of this research was to evaluate the effect of two pedagogical procedures in learning concepts about the prevention of accidental falls. The survey was conducted in a municipal primary school in a city of the countryside of São Paulo, with approximately 220 thousand inhabitants, more specifically with four classes of the fourth year of elementary school. Participated four teachers, three female, and 63 students, been 54% female. Were used a paradidactic book with complementary activities and an educational game, both with similar contents and focused on the theme of children's accidental falls prevention, as well as questionnaire for teachers and for students. The students made part of four groups: 15 of the educational game group's (EGG), 16 of the controls from educational game (CEG), 16 of the paradidactic book group's (PBG) and 16 of the controls from the paradidactic book (CLP). Students from the four groups answered to a questionnaire (pre and post tests) about the theme in two moments, with a break of two weeks. The two control groups received no intervention. The other two groups received intervention immediately after applying the initial questionnaire in the classroom, integrating them with the curricular activities. For teachers from the intervention group (PBG and EGG) questionnaires were administered to evaluate the actions taken. Data were analyzed statistically using the test MacNemar. Verified that the students provided a high percentage of correct prior knowledge and that pedagogical procedures increased both the percentage of correct answers to most questions worked, up to 36.7%, with no statistically significant differences. The results for the paradidactic book group's (PBG) were similar to the educational game group's (EGG), and the items "fly a kite in slab / roof" and "down upside down on the slide," increased by 63.3% in the pre test to post test in 100% of the educational game group's, and paradidactic book group's the item referring to "stumble toys scattered on the ground" increased from 68.8% to 100% in the pre and post test, respectively. Teachers evaluated satisfactorily the work that was done. It was concluded that the pedagogical procedures were approved by teachers, are likely to be used in the classroom and can contribute to the concepts' learning about the childhood accidental falls' prevention.

Keywords: pedagogical procedures; childhood accidental falls' prevention; elementary school; paradidactic book; educational game.

Lista de Tabelas

Tabela 1-	Frequências absolutas e relativas das categorias referentes ao sexo dos escolares participantes.....	36
Tabela 2-	Frequências absolutas e relativas das categorias referentes à idade dos escolares participantes.....	36
Tabela 3-	Frequências absolutas e relativas das categorias de respostas observadas nos períodos pré e pós-intervenção com o jogo educativo - resultado do teste McNemar (método exato) utilizado para comparação pré versus pós (n=15).....	47
Tabela 4-	Frequências absolutas e relativas das categorias de respostas observadas nos períodos pré e pós-intervenção com o livro paradidático - resultado do teste McNemar (método exato) utilizado para comparação pré versus pós (n=16).....	49

Lista de Abreviaturas

UNESP: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

EDACI: Educação e Acidentes (Grupo de Pesquisa cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq).

TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

GJE: grupo do jogo educativo.

CJE: controle do jogo educativo.

GLP: grupo do livro paradidático.

CLP: controle do livro paradidático.

SPSS: Statistical Package for the Social Sciences.

Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 REVISÃO DE LITERATURA	15
2.1 Os acidentes infantis e o papel da escola como promotora de saúde	15
2.2 Análise do comportamento no processo de ensino e de aprendizagem	20
2.3 Importância do brincar no contexto escolar.....	24
2.4 Importância da leitura no contexto escolar.....	29
3 MÉTODO.....	35
3.1 Ambiente.....	35
3.2 Participantes.....	35
3.3 Materiais.....	37
3.4 Procedimentos	37
3.4.1 Seleção das escolas e dos participantes	37
3.4.2 Elaboração do jogo educativo e das atividades complementares	38
3.4.3 Elaboração dos questionários para alunos e para professores	39
3.4.4 Estudo piloto	40
3.4.5 Aplicação da ação educativa com o livro paradidático	42
3.4.6 Aplicação da ação educativa com o jogo educativo	43
3.4.7 Análise dos dados coletados.....	45
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	46
4.1 Avaliação dos alunos.	46
4.2 Avaliação dos professores.....	51
5 CONCLUSÕES	52
REFERÊNCIAS.....	54
APÊNDICE	61

1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo trabalho com esse tema teve origem ainda durante a graduação da autora, na qual teve a oportunidade de atuar enquanto bolsista PROEX no projeto de pesquisa e extensão intitulado “Ações educativas para prevenção de acidentes infantis: coleta de subsídios, elaboração de estratégias, aplicação e avaliação” (AEPAI), coordenado pela orientadora deste trabalho e financiado inicialmente pelo CNPq no Edital 024/2004 e desenvolvido junto a outros membros do Grupo de Pesquisa “Educação e Acidentes” (EDACI).

Os altos índices de mortalidade e morbidade de quedas acidentais na infância justificam a relevância da realização de ações educativas sobre a temática.

Essas ações poderiam ocorrer no contexto escolar, uma vez que a escola deve buscar transcender sua função meramente acadêmica para também atingir o pleno desenvolvimento dos educandos. Assim, a escola constitui-se em local propício para transmissão de conceitos sobre fatores de risco e de segurança, os quais podem contribuir para a aquisição de novos repertórios comportamentais e trazer benefícios à saúde dos escolares e das pessoas com quem estes convivem. Além disso, a atuação das crianças como agentes multiplicadores de informações pode ser contemplada na medida em que transmitem os conhecimentos adquiridos na escola a outras pessoas com as quais interagem em seu cotidiano.

Em seu trabalho de conclusão de curso (TCC), a autora iniciou a pesquisa com a temática da prevenção das quedas acidentais, que teve como objetivo coletar subsídios para elaboração de um material paradidático, o qual foi aplicado e avaliado em escolares do Ensino Fundamental de uma cidade do interior paulista (VILAS BÔAS, 2010).

Em continuação à pesquisa anteriormente realizada, nesse estudo procurou-se avaliar o efeito de dois procedimentos pedagógicos na aprendizagem de conceitos sobre a prevenção de quedas acidentais infantis.

O uso de procedimentos lúdicos de aprendizagem é importante não somente como suporte pedagógico ao trabalho do professor, mas também contribui para motivação dos alunos na participação das situações de ensino para a aquisição de novos conceitos, favorecendo o desenvolvimento infantil e o processo de aprendizagem.

Assim sendo, atividades desta natureza deveriam ocorrer no contexto escolar abordando a temática da prevenção dos acidentes infantis, favorecendo a aquisição de aprendizagens relativas ao comportamento seguro das crianças em idade escolar.

As descrições do presente trabalho encontram-se subdivididas em quatro partes: revisão de literatura, método, resultados e discussão e conclusões.

Na revisão de literatura são apresentados estudos que tratam dos temas dos acidentes infantis e da escola promotora de saúde, da análise do comportamento no processo de ensino e aprendizagem e das contribuições do brincar e da leitura para o desenvolvimento infantil.

Na parte referente ao método, está descrito o ambiente onde foi realizado este estudo, os participantes, os materiais utilizados, bem como os procedimentos adotados no decorrer da realização da presente pesquisa.

Em seguida, são apresentados os resultados e as discussões deles decorrentes, revelando as contribuições das estratégias pedagógicas lúdicas para a aquisição de conhecimentos acerca da prevenção das quedas acidentais infantis.

Espera-se com este trabalho contribuir para reflexões a respeito da relevância da temática estudada e da pertinência da realização de ações educativas que facilitem a disseminação de informações sobre o tema no ambiente escolar, com a finalidade de promover a formação integral das crianças e contribuir para seu desenvolvimento saudável e seguro.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Os acidentes infantis e o papel da escola como promotora de saúde

A definição do conceito de acidente é ambígua. Antigamente, o termo referia-se a um acontecimento casual e imprevisto (FERREIRA, 1993, p.7) ou como um evento fortuito, geralmente danoso, independente da vontade, provocado por uma força externa, gerando algum comprometimento físico e/ou mental (BRASIL, 2000). Entretanto, nos últimos anos essa definição tem mudado, tendo em vista a conotação de imprevisibilidade, sendo considerado um “[...] evento não intencional e evitável, causador de lesões físicas e/ou emocionais no âmbito doméstico ou nos outros ambientes sociais, como o do trabalho, do trânsito, da escola, de esportes e de lazer” (BRASIL, 2005, p.8).

Diversos pesquisadores têm apontado os acidentes como passíveis de serem controlados e evitados por meio de cuidados físicos, materiais, emocionais e sociais, colocando em discussão a “acidentalidade” dessas ocorrências e destacando a necessidade de prevenção (SOUZA; BARROSO, 1999, 1999b; MARTINS, 2006).

De acordo com a Classificação Internacional de Doenças, os acidentes são considerados causas externas de lesão e incluem os acidentes de transporte, envenenamentos, quedas, queimaduras, afogamentos, engasgos, sufocação (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1993).

As causas externas matam aproximadamente 120.000 pessoas por ano no Brasil, ocupando o primeiro lugar em causas de morte, superando os índices de todas as doenças infecto-contagiosas (BRASIL, 2001). Em 2010, no Brasil, os acidentes foram responsáveis por 82% do total de internações por causas externas no âmbito do SUS e, dentre eles, os acidentes de quedas (39,1%) e de transporte terrestre (15,7%) foram os mais frequentes. A proporção de internações por causas externas apresentou um aumento progressivo de 7,7% em 2000 para 10,4% em 2010 (MASCARENHAS et al., 2011).

Estudos realizados por Maciel (1990) indicam que a infância compreende o período em que as crianças estão em situação de maior exposição aos riscos de acidentes devido à fase de seu desenvolvimento, na qual buscam explorar o ambiente em que vivem e investigar os objetos que as rodeiam, além de apresentarem falta de conhecimentos em relação à identificação dos fatores de risco e proteção.

Gikas, Schvartsman e Fontana (1999) afirmam que os acidentes infantis acometem mais as crianças pobres, que predomina o sexo masculino numa proporção de 2:1 e que há

correlação direta entre a idade da criança e o ambiente em que o acidente acontece, com mais acidentes domésticos no início da vida e nos outros ambientes com o passar dos anos.

Dentre os acidentes infantis, as quedas acidentais representam o principal motivo de internação hospitalar em todas as faixas etárias de crianças e jovens de até 19 anos, com 73,01% das internações por causas externas (BRASIL, 2005).

Filócomo et al. (2002) realizaram um estudo no qual identificaram os acidentes na infância registrados em um pronto socorro infantil que atende pacientes de diversas localidades do município de São Paulo. Os dados indicaram que a faixa etária mais atingida foi entre 7 a 11 anos, sendo 56,1% do sexo masculino e 43,9% feminino, e que as quedas foram os tipos de acidentes mais frequentes (46,9%). Os autores concluem que um dos pilares para a redução dessa incidência é a educação, visto sua capacidade em assegurar às crianças e famílias o provimento de informações que minimizem esta problemática.

Krug (2004) afirma que os traumatismos são a maior causa de morte em crianças de 1 a 14 anos de idade e que as quedas representam aproximadamente 30% desse total, sendo precedida apenas pelos acidentes de trânsito. Ainda de acordo com o autor, 50% dos óbitos traumáticos ocorrem na cena do traumatismo, e não em locais secundários para os quais as vítimas sejam transportadas, como hospitais ou o lar.

As mídias desenvolvem papel importante para a formação das crianças e trazem implicações quanto à temática dos acidentes, uma vez que o estímulo à onipotência desenvolve nelas “o espírito dos super-heróis, capazes de saltos e voos radicais e, por consequência, exposição a perigos potenciais de traumatismos de várias ordens” (CYPEL et al., 2003, p. 77).

Kohn (2007) afirma que embora não se possa atribuir a culpa dos comportamentos infantis aos desenhos animados que as crianças assistem ou assistiram, pois cada indivíduo é dotado de subjetividade e recebe no seu sistema de crenças os parâmetros para agir e conviver em sociedade, estes podem vir a influenciar as crianças, sendo necessário que os pais estejam junto de seus filhos, de modo a propiciar um entendimento crítico daquilo que está sendo assistido e auxiliando-os a assimilarem os comportamentos certos, distinguindo-os dos errados.

De acordo com Gilchrist, Saluja e Marshall (2007), mais de 11.000 pessoas recebem tratamento nos ambulatórios de emergência dos EUA todos os dias, em razão das injúrias ocorridas na prática de atividades de recreação, e cerca de 7 milhões de pessoas procuram atendimento médico em clínicas particulares a cada ano, para os ferimentos ocorridos durante a prática em esportes e atividades recreativas, constituindo um grave problema de saúde

pública. Os autores alegam que o tema é importante e que necessita de atenção, sendo que mudanças no comportamento individual e nas condições ambientais são apontadas como medidas possíveis para redução desses índices, além da necessidade de mudanças políticas expressas em legislações e regulamentações que poderiam ser positivas no sentido de incentivar a implantação de intervenções eficazes para reduzir os riscos de lesão.

Waksman e Gikas (2003) informam que as lesões mais frequentes decorrentes das quedas são as lacerações (cortes) e as fraturas, sendo que os traumatismos cranioencefálicos contribuem para a maioria das mortes. Uma das possíveis causas para a ocorrência das quedas acidentais seria o incentivo televisivo à violência que favorece o desenvolvimento de brinquedos e brincadeiras que são capazes de produzir lesões. Os autores afirmam ainda que dentre as principais estratégias para prevenir a ocorrência dos acidentes, destacam-se: sensibilização para promoção de proteção automática por meio de produtos seguros, motivação para mudanças de comportamento individuais por meio de leis ou normas administrativas e orientação às pessoas em risco para alterar seu comportamento e melhorar sua proteção, objetivando a conscientização das pessoas para evitar os fatores de risco e promover os fatores de segurança.

Para Pressley et al. (2007) o declínio das taxas de mortalidade ocorre mediante a combinação de medidas preventivas ativas e passivas, esforços educacionais e facilidade de acesso aos materiais de segurança.

Segundo Sena, Ricas e Viana (2008), dos acidentes com crianças em idade escolar, 10 a 25% ocorrem na escola ou em seu entorno, sendo que no Brasil, de 6 a 13% dos acidentes em crianças nesta faixa etária, ocorrem em instituições de ensino.

Neste sentido, a escola deve ultrapassar sua função enquanto responsável pela formação acadêmica do aluno e trabalhar com sua formação integral, valorizando os conhecimentos de saúde que contribuam para o seu desenvolvimento saudável e seguro. Assim, a instituição de ensino tem sido apontada como um dos locais mais propícios para a realização de trabalhos preventivos em relação aos acidentes infantis (BLANK, 1998; BLANK, 2002; OLIVEIRA, 2003; WILLER et al., 2004; GONSALES, 2008; CARDOSO; REIS; IERVOLINO, 2008; VILAS BÔAS, 2010).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, promulgada em 20 de dezembro de 1996, estabelece como fins da educação o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para a cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Fundamental estabelecem como objetivos gerais que o aluno aprenda a cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando

hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva. A temática dos acidentes infantis é abordada neste documento tanto do ponto de vista das medidas práticas de prevenção como da aprendizagem de medidas de primeiros socorros ao alcance das crianças, afirmando a importância da transmissão de informações e de segurança diante dessas situações (BRASIL, 1997).

O decreto 6.286, promulgado em 5 de dezembro de 2007, institui no âmbito dos Ministérios da Educação e da Saúde, o Programa Saúde na Escola, cuja finalidade consiste em contribuir para a formação integral dos estudantes da rede pública de educação básica por meio de ações de prevenção, promoção e atenção à saúde, estabelecendo como uma de suas metas a redução da morbimortalidade por acidentes e/ou violências.

Uma escola saudável é aquela que visa o estabelecimento de um ambiente solidário e favorável ao aprendizado, que demonstre compromisso para com o desenvolvimento de políticas públicas saudáveis e na estimulação da criação de situações favoráveis à saúde, à proteção ao meio ambiente, à conservação de recursos naturais e à implicação cada vez maior da população em projetos de promoção da saúde (AERTS et al., 2004).

De acordo com Liberal et al. (2005), as escolas vêm assumindo uma importância crescente na promoção de saúde, na prevenção de doenças e de acidentes entre crianças e adolescentes, uma vez que esses tendem a passar aproximadamente um terço do seu dia nas instituições escolares ou no caminho em direção a estas. A educação em saúde deve ser abordada como tema transversal, sendo que o aluno deve ser estimulado a adotar um estilo de vida seguro e saudável por intermédio de estratégias de ensino e métodos interativos, que envolvam o escolar no aprendizado sobre a prevenção de violências e lesões não intencionais. Os autores apontam ainda a necessidade de capacitação dos educadores para realização de atividades educativas sobre prevenção de violências e lesões não intencionais.

Estudos apontam a necessidade de propiciar aos educandos conhecimentos sobre a promoção de saúde no âmbito escolar, tendo em vista sua relevância para a vida dos alunos. Neste sentido, o professor tem a oportunidade de estimular a compreensão e adoção de hábitos saudáveis, auxiliando os alunos a observarem corretamente o ambiente que estão inseridos, de modo que estes sejam capazes de perceber os riscos que os circundam para proteger sua saúde e de seus familiares (OLIVEIRA, 2003; CARDOSO; REIS; IERVOLINO, 2008).

Diante do exposto, seria importante que o professor buscasse trabalhar em sala de aula a temática dos acidentes infantis, procurando identificar com a turma onde, como, quando

estes podem vir a ocorrer e o que pode ser feito para evitar que eles ocorram novamente (BRASIL, 2000).

Para Pereira et al. (2007), o compromisso com a prevenção de acidentes com crianças deve ser encarado de uma maneira responsável, contínua e envolvendo todos os profissionais que se dedicam à formação desses alunos.

Vieira et al. (2005) definem a escola enquanto um “espaço ideal para fortalecer a implantação de ‘sementes’ preventivas em relação aos acidentes com crianças e adolescentes” (p. 79), sendo que esta exerce papel fundamental para a conscientização dos riscos aos quais a crianças está exposta no ambiente doméstico e disseminação de conhecimentos que possibilitem a prevenção dos mesmos.

A despeito das preconizações anteriormente citadas, o que se observa na realidade educacional é que o tema é pouco abordado no interior das salas de aula e os profissionais da educação, em sua maioria, mostram-se reticentes em aceitar a realização de pesquisas sobre os acidentes em suas escolas, sendo também escassas as políticas públicas voltadas ao incentivo para o trabalho com a temática.

No ano de 2008, o Comitê Gestor de Segurança e Qualidade de Vida da Prefeitura Municipal de Marília, de forma articulada com o Grupo de Pesquisa Gestão Urbana de Trabalho Organizado - GUTO, e com a colaboração do Grupo de Pesquisa EDACI, elaborou uma cartilha sobre o ABC da Segurança, impressa pela Prefeitura Municipal de Marília. Esta cartilha abordava a temática de prevenção da violência e de acidentes infantis. Na Campanha Criança em Segurança, a cartilha foi utilizada pelos professores com todas as crianças da segunda série do ensino fundamental do Município. Tal iniciativa incentivou o trabalho com o tema e as escolas desenvolveram projetos muito interessantes relacionados à problemática dos acidentes infantis.

Gimeniz-Paschoal et al. (2010) investigaram, junto aos professores do ensino fundamental que participaram de oficina voltada para a prevenção de acidentes infantis, as atividades realizadas e aquelas que ainda pretendiam realizar após a distribuição das cartilhas anteriormente citadas. Participaram 24 professores da 2ª série da Rede Municipal de Ensino Fundamental de uma cidade do interior do Estado de São Paulo, com aproximadamente 220 mil habitantes. Por meio de entrevistas, verificou-se que todos os participantes disseram ter realizado atividades com os alunos envolvendo a prevenção dos acidentes infantis, sendo desenvolvidas, principalmente, atividades orais (9,8%), atividades escritas e de produção de textos (8,9%), desenhos (7,3%), dentre outras. Os principais assuntos abordados nas atividades foram relacionados à questão da segurança e da violência (14,8%), queimadura

(14,1%) e intoxicação (11,3%). Quanto à perspectiva de realização futura das atividades, constatou-se que metade dos professores pretendia realizá-las, as quais envolveriam a queimadura (17,2%) e a prevenção de acidentes domésticos (13,8%).

A realização de ações educativas de cunho preventivo no contexto escolar da educação básica é relevante para o avanço em direção à redução dos índices de morbimortalidades decorrentes da ocorrência dos acidentes. O trabalho em sala de aula deve visar não somente a formação do indivíduo preocupado com a sua saúde, assegurando seu desenvolvimento sadio e seguro, mas também possibilitar que os alunos disseminem os conhecimentos acerca da temática da prevenção dos acidentes infantis para as pessoas com as quais convive cotidianamente.

2.2 Análise do comportamento no processo de ensino e de aprendizagem

Para Skinner (1972), a palavra “estudante” remete à diligência e ansiedade por aprender, e a motivação dos alunos no processo de ensino e aprendizagem consiste em elemento ainda mais importante do que a construção de escolas, formação de professores e/ou utilização de materiais didáticos.

Atualmente é possível constatar uma crise no contexto educacional de nosso país, na qual os alunos têm se apresentado desmotivados em aprender e os professores desestimulados a ensinar. O uso de atividades lúdicas no processo de ensino e aprendizagem possibilita a motivação dos alunos durante a realização das atividades propostas no contexto escolar e evita a ocorrência de situações aversivas no ensino, contribuindo assim para a construção do estudante que se interessa em aprender e permitindo que a escola se torne um local agradável a todos.

A temática da prevenção das quedas acidentais poderia ser ensinada por meio de estratégias lúdicas de ensino para possibilitar que os alunos vivenciem situações efetivas de aprendizagem, tendo em vista sua participação motivadora e ativa na medida em que a criança deseja envolver-se nos jogos e brincadeiras e adquire novos conhecimentos a partir deles.

De acordo com Pereira, Marinotti e Luna (2004), há vários estudos que demonstram que os professores tendem a atribuir o fracasso do aluno a fatores que independem de sua atuação profissional ou mesmo da própria escola. Assim, consideram que a falta de interesse dos alunos ou dos pais, a desintegração familiar, a falta de saúde e imaturidade dos alunos, as condições socioeconômicas da família e o baixo nível intelectual dos alunos não devem imobilizar o professor para buscar alternativas pedagógicas que favoreçam o aprendizado dos

alunos, propondo a reformulação do ensino em consonância com as características e a diversidade da população com a qual trabalham. Para os autores:

Quanto piores forem as condições que o aluno traz para a escola (sejam elas acadêmicas, sociais ou familiares), maior é a necessidade que ele tem da escola e de um ensino que considere seus *déficits*. É fundamental que o professor conheça esses *déficits* e os leve em conta ao planejar e conduzir o ensino, mas de nada adiantará que ele transforme estas condições em razões pelas quais o aluno “não aprenderá mesmo”! (PEREIRA, MARINOTTI, LUNA, 2004, p. 30).

Gatti, Esposito e Silva (1994) afirmam que, embora as crianças manifestem falta de motivação, desinteresse e apatia dentro do contexto escolar, essas manifestações geralmente ocorrem como respostas às condições que lhes são oferecidas na escola, sendo necessária a criação de ambientes estimulantes e adequados de aprendizagem.

Na tentativa de romper com o cenário educacional vigente e garantir que os alunos se sintam mais motivados a estudar, Skinner defende a necessidade do arranjo de contingências reforçadoras no processo de ensino e aprendizagem. Segundo ele:

A abulia dos que não têm nada a fazer, que não estão interessados em nada, é uma das grandes tragédias da vida moderna. É algumas vezes atribuída à alienação, anomia, anhedonia, falta de raízes, falta de valores. Estas não são as causas de nada; na melhor das hipóteses, são produtos de contingências deficientes que são a origem das dificuldades a elas atribuídas. Através de uma compreensão correta das contingências de reforçamento, deveremos ser capazes de fazer com que os estudantes se entusiasmem e sejam diligentes e tenham razoável certeza de que continuarão a usufruir pelo resto de suas vidas das coisas que lhes ensinamos (SKINNER, 1972, p.158).

A despeito dos ideais propostos por Skinner, o que se percebe historicamente é que nem sempre houve no contexto educacional essa preocupação com o arranjo de contingências reforçadoras, sendo que os usos de técnicas aversivas constituíram e ainda hoje constituem a principal forma de interação entre professores e alunos. Inicialmente estes se caracterizavam pelos castigos corporais e foram ao longo dos tempos substituídos por ridicularizações, críticas, punições tais como ficar depois da aula na escola, ficar sem recreio ou receber tarefas extras. Em decorrência disso, os alunos apresentam comportamentos de fuga ou esquiva, tais como chegar atrasado à aula, não prestar atenção e ficar inquieto, ou mesmo atacar verbalmente ou fisicamente os professores, depredando a escola e/ou destruindo equipamentos e materiais (BERNARDES, 2002).

Skinner indica a possibilidade de superação das práticas aversivas utilizadas no contexto escolar e defende a necessidade de programação de novas contingências, por meio

de um planejamento rigoroso do processo de ensino e aprendizagem e um cuidado para com o método de ensinar. Nesta perspectiva, o autor afirma que:

O professor pode frequentemente trocar a punição pelo reforçamento positivo de modo surpreendentemente simples – respondendo ao êxito do aluno em vez de responder às suas falhas. Professores, muito frequentemente, têm suposto que seu papel é apontar para o que os alunos estão fazendo de errado, mas apontar o que eles estão fazendo de certo fará, frequentemente, uma enorme diferença para o clima da sala de aula e para a eficiência da instrução (SKINNER apud ZANOTTO, 2000, p. 54).

A concepção de Skinner sobre a educação consiste, portanto, na possibilidade do educando adquirir repertórios comportamentais que incluam a variedade de comportamentos necessários para produzir efeitos sobre a realidade e sobre si mesmo, garantindo assim a sobrevivência individual e coletiva do grupo social do qual faz parte. Neste sentido, é possível depreender que compete à educação responder pelo estabelecimento de comportamentos que serão vantajosos para o indivíduo e para outros em algum momento futuro, garantindo ao aluno uma formação que propicie o acesso aos conhecimentos socialmente construídos e a aquisição dos comportamentos de autogoverno (ZANOTTO, 2000).

No contexto educacional, baseado na perspectiva comportamental, o professor exerce papel fundamental para efetivação dos objetivos propostos para o processo de ensino e de aprendizagem, sendo que sua função consiste em criar as condições necessárias para que este ocorra de forma rápida e eficiente com o aluno, favorecendo a aquisição e/ou modificação de seu comportamento, ou seja, a responsabilidade pelo êxito das aprendizagens e aplicação dessas no cotidiano dos alunos depende do professor e das condições de ensino que lhes propicia.

Skinner afirma que as funções do professor consistem em explicitar os objetivos educacionais em termos comportamentais, sendo necessário que este tenha clareza daquilo que deseja ensinar aos alunos, de modo que esses objetivos direcionem para um planejamento e execução dos procedimentos de ensino, com a finalidade de não somente obter mudanças nos repertórios comportamentais, mas, sobretudo, para obter subsídios para avaliar os processos de ensino e de aprendizagem, permitindo uma análise de sua atuação docente (ZANOTTO, 2000).

As regras podem ser definidas como “uma instrução, um conselho, uma ordem, uma exigência, uma proposta de benefício mútuo” (MEYER, 2003, p. 82) e permitem que uma pessoa possa vir a comportar-se adequadamente diante de um conjunto de condições sem ter sido exposta a elas anteriormente. Assim:

Regras são particularmente empregadas em situações em que as contingências naturais são fracas, ou porque estas têm magnitude pequena ou porque operam a longo prazo (o comportamento de estudar, por exemplo, tem consequências naturais a curto prazo bastante fracas, e é frequentemente instalado a partir de regras; durante muito tempo permanece mantido por elas, até que as contingências naturais de longo prazo comecem a produzir efeitos). As consequências sociais do seguir regras são importantes a curto prazo e, eventualmente, também a longo prazo, na medida em que suplementam os efeitos reforçadores dessas outras consequências do seguir regras (MATOS, 2001).

No processo de ensino e de aprendizagem, Skinner aponta ainda que o comportamento pode ocorrer de duas formas: pelas contingências ou por regras. Na primeira proposta, “nós temos o contato direto com as contingências, isto é, emitimos a resposta e sofremos as consequências, positivas ou não, na própria pele” (CASTANHEIRA, 2001, p.36). Assim o comportamento ocorre por meio da experiência direta do indivíduo com o objeto de estudo. Já na segunda proposta, o comportamento se apresenta tendo em vista os conselhos ou regras ditadas por outra pessoa, sem que o indivíduo tenha experiências diretas, mas aprendendo por meio de descrições verbais das contingências (CASTANHEIRA, 2001).

O uso de regras no processo de ensino e aprendizagem tem suas contribuições, uma vez que fornecem uma forma rápida de ajudar ou forçar alguém a emitir respostas que são reforçadoras para quem apresenta a regra, podendo ter efeitos imediatos onde outros procedimentos falharam, facilitando e mantendo a aprendizagem quando os reforçadores que seriam modelados pelas contingências em vigor são indesejáveis, de aprendizagem mais difícil ou aonde haja ameaças de punição severa. Além disso, as regras constituem elemento histórico que resumem anos de experiência direta, podendo ser transmitidas para outros indivíduos com redução de tempo, custo e até mesmo sofrimento (CASTANHEIRA, 2001).

De modo geral e com base na teoria skinneriana, percebe-se a efetividade tanto das aprendizagens por contingências quanto daquelas transmitidas por meio de regras, entretanto, alguns conceitos só podem ser ensinados ou seriam melhor ensinados por meio do uso de regras quando as contingências forem complexas, imprecisas ou aversivas (MEYER, 2003). O tema da prevenção de acidentes infantis constitui um exemplo de conteúdo que poderia ser ensinado por meio de regras, visto que não é viável a exposição do indivíduo a experiências diretas ligadas aos fatores de risco para ocorrência dos acidentes.

Sleet e Gielen (2007) discorrem sobre o sucesso de estratégias comportamentais para reduzir os riscos e melhorar as perspectivas para a prevenção, sendo que o controle de injúrias poderia ser beneficiado desse legado, uma vez que os comportamentos que originam lesões

são passíveis de intervenções preventivas. Para os autores, especialistas em ciências comportamentais poderiam ajudar a documentar fatores de risco comportamentais e sociais, desenvolver e avaliar intervenções, influenciar as normas sociais, auxiliando a recuperação de danos psicológicos, e moldar comportamentos preventivos individuais e/ou comunitários.

A despeito das críticas dirigidas à aplicação da Análise do Comportamento no contexto educacional, esta oferece subsídios para o trabalho do professor no sentido de orientá-lo para elaboração de um planejamento de ensino que de fato gere mudanças no comportamento de seus educandos, contribuindo para uma educação de qualidade e efetiva para todos.

2.3 Importância do brincar no contexto escolar

Os primeiros estudos em torno do brincar no contexto escolar e dos jogos educativos situam-se na Roma e Grécia antigas, sendo que filósofos tais como Platão e Aristóteles já relatavam sobre a importância do aprender brincando, como forma de preparo para a vida futura. Com o advento do Cristianismo, há o declínio da valorização do jogo na escola, visto que a educação adquire um caráter disciplinador, na qual cabe aos alunos a memorização e a obediência, sendo que o jogo passa a ser visto como delituoso. É somente no período do Renascimento que o jogo deixa de ser visto enquanto objeto de reprovação oficial e surgem outras concepções pedagógicas que reabilitam o jogo, indicando a compreensão de sua importância para a formação do ser humano e reconhecendo sua utilização como recurso auxiliar do ensino (KISHIMOTO, 2003).

Por volta de 1826, Friedrich Froebel, criador do jardim da infância, defendia o uso pedagógico de jogos e de brinquedos, acreditando que estes proporcionariam experiências sensoriais às crianças e contribuiriam para seu desenvolvimento intelectual (MONTAGNANA; SUELOTTO; MELIS, 2003).

Há a dificuldade na definição do termo brincar. De acordo com o dicionário de língua portuguesa Houaiss (2004), brincar diz respeito ao ato de entreter-se, divertir-se, distrair-se com jogos e brinquedos infantis.

Para a Análise Experimental do Comportamento, é difícil conceituar o termo, uma vez que o brincar impossibilita uma descrição anatômica e minuciosa do comportamento apresentado, assim não poderia ser definido levando-se em consideração o sorriso e a excitação ocasionados na criança, uma vez que esta apresenta esse comportamento em outras situações. Apesar dessa dificuldade, os analistas do comportamento não negam que a criança

brinca e afirmam que a definição mais precisa do brincar consiste em um comportamento que seja tanto espontâneo quanto prazeroso, possuindo propriedades naturalmente reforçadoras (DE ROSE; GIL, 2003).

Ainda de acordo com os analistas do comportamento, o brincar implica na ampliação dos repertórios comportamentais, permitindo ao brincante a emissão de diversas respostas nos aspectos verbais, sociais, motores e cognitivos. Além disso, reconhecem que o brincar contribui para o estabelecimento de vínculos afetivos e para o processo de ensino e aprendizagem devido ao seu caráter altamente reforçador (MIRANDA, 2007).

Nesse sentido, acredita-se na necessidade da inserção de atividades lúdicas no contexto escolar, tendo em vista o consenso na literatura acerca da relevância do brincar (SANTOS, 1995; BOMTEMPO, 1999; MOYLES, 2002; FORTUNA; BITTENCOURT, 2003; KISHIMOTO, 2003; BORBA; MELO, 2010).

Vasconcelos (2008) afirma que essa é uma atividade necessária às crianças, sendo um comportamento fundamental para sua saúde física e psicológica.

Assim, o brincar constitui:

[...] uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento das crianças. Por meio das brincadeiras, a criança pode desenvolver algumas capacidades importantes, tais como: a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Ao brincar, as crianças exploram e refletem sobre a realidade, a cultura na qual vivem, incorporando e, ao mesmo tempo, questionando regras e papéis sociais. Pode-se dizer que nas brincadeiras as crianças podem ultrapassar a realidade, transformando-a por meio da imaginação. Pela brincadeira expressam o que teriam dificuldades de colocar em palavras (OLIVEIRA, 2008, p. 49).

Santos (1995) define o jogo enquanto atividade séria e importante para o desenvolvimento da criança, desde que ela esteja inserida de forma ativa durante esse processo e no qual o professor assuma um compromisso enquanto mediador das situações que permitem o jogo.

Saracho (1991) afirma que a introdução do brincar no currículo escolar estimula o desenvolvimento físico, cognitivo, criativo, social e a linguagem das crianças.

De acordo com Vivas e Sequeda (2003), a atividade lúdica contribui para o desenvolvimento motor, físico, intelectual e social das crianças, melhorando sua capacidade de concentração, percepção e memória. As autoras realizaram um estudo descritivo quase-experimental em nove escolas do município de Girardot, na Venezuela, para avaliar um jogo sobre a temática da dengue em 621 escolares da educação básica, com idade entre 8 e 16 anos.

Os alunos foram divididos em três grupos, sendo que no primeiro grupo foi utilizado o jogo educativo, no segundo grupo utilizou-se um material teórico e no terceiro grupo usou-se o jogo e o material teórico. Foi aplicado um teste antes e após as intervenções. Os resultados da pesquisa indicaram que o jogo teve uma boa aceitação entre os estudantes, permitindo uma maior aprendizagem de conceitos sobre a dengue, visto que o jogo por regras desempenha um papel especialmente importante na socialização das crianças, além de ensinar-lhes a tomar decisões, cumprir instruções, estabelecer hábitos de comportamento e de higiene, reforçando o processo construtor do pensamento. As autoras apontam ainda que os jogos têm constituído importante recurso didático utilizado por professores da América Latina para o trabalho da educação em saúde nas salas de aula (VIVAS; SEQUEDA, 2003).

Williams, Meyer e Pechansky (2007) desenvolveram uma técnica no formato de um jogo de cartas para ser utilizado no tratamento de jovens usuários de drogas. A elaboração do jogo envolveu quatro fases: elaboração das frases que foram colocadas em cartas, adaptação da linguagem, conteúdo e instruções junto aos pacientes e posteriormente com o especialista, avaliação do conteúdo e ordenamento das cartas. Os resultados indicaram que o desenvolvimento do jogo permitiu a elaboração de uma técnica dinâmica e atrativa aos jovens, sendo útil para trabalhar crenças típicas de jovens usuários de drogas e promover estratégias de enfrentamento em situações de risco.

Souza e Vilas Boas (2004) compararam, entre escolares do ensino fundamental, o uso de duas técnicas pedagógicas no ensino de conceitos relacionados à vitamina A e sua carência. Os pesquisadores selecionaram duas turmas homogêneas da 3ª série e compararam os efeitos da intervenção com teatro de fantoches e com texto de base literária. Os resultados demonstraram que as técnicas pedagógicas empregadas promoveram aprendizagem de conceitos em relação ao assunto trabalhado, ocasionando o incentivo para o consumo de alimentos ricos nesses nutrientes. Assim, concluíram que a aplicação de métodos lúdicos é um incentivador para a reeducação alimentar, propondo o uso desses recursos nas escolas para a aprendizagem de conteúdos de saúde e alimentação.

Coscrato, Pina e Mello (2010) identificaram as intervenções lúdicas utilizadas na educação em saúde. Os pesquisadores realizaram uma revisão integrativa da literatura sobre a temática nas bases de dados: MEDLINE, LILACS e CINAHL. Foram analisados 16 estudos que tinham resumo disponível nas bases de dados acima descritas, idioma de publicação em português, inglês ou espanhol, período de publicação entre os anos de 1996 e 2006, pesquisas com delineamento experimental e quase-experimental, além de temática pertinente à utilização de intervenções lúdicas na educação em saúde. Os dados indicaram que há a

importância do jogo na medida em que este proporciona a mediação na aprendizagem, estimulando a compreensão do assunto de forma prazerosa e a reflexão sobre o conhecimento adquirido tendo em vista os comportamentos individuais e coletivos.

Outros estudos também apontam que o lúdico na escola constitui simples instrumento didático ou estratégia de ensino que deve ser tomado como o principal mediador dos processos de desenvolvimento e aprendizagem na infância. O brincar é fundamental para o desenvolvimento sadio de uma criança, uma vez que possibilita que esta explore suas habilidades e progrida física, cognitiva e socialmente, contribuindo para a preparação da criança para o futuro, aprendendo espontaneamente, sem estresse ou medo de errar, tendo prazer na aquisição de conhecimentos e pelo próprio ato de brincar. Assim as contribuições para o desenvolvimento biopsicossocial da criança seriam evidentes na medida em que as situações lúdicas possibilitam o desenvolvimento da curiosidade, criatividade e autonomia (BORBA; MELO, 2010; SALVADOR et al., 2011).

Para Bomtempo (1999), o brincar da criança não está somente ancorado no presente, mas auxilia também na resolução de problemas passados, ao mesmo tempo que se projeta para o futuro. Assim a autora afirma que:

[...] a menina ao brincar com bonecas, vai repetir aquilo que observa a mãe fazendo na rotina da casa. Vai tirar e colocar a roupa da boneca, aprender a escolher cores e modelos, a pentear o cabelo. Depois, vai pentear o próprio cabelo. No fundo, brincar de boneca é uma bela e instigante experiência a respeito da estética feminina. A criança transfere para o dia-a-dia as atividades da brincadeira com a boneca (BOMTEMPO, 1999, p. 7).

É por meio da brincadeira que a criança tem a possibilidade de vivenciar situações do mundo que a cerca, adquirindo comportamentos adequados com relação à diferentes contextos. Deste modo, tal como brincar com a boneca possibilita que a criança adquira comportamentos quanto aos seus cuidados pessoais, jogos que permitam às crianças refletir sobre seus hábitos e comportamentos tornam-se necessários para que essas venham a aplicar em seu cotidiano as aprendizagens adquiridas.

Haber e Carmo (2007) afirmam que o aprendizado por regras ocorre a partir das interações da criança em seu meio social, estando relacionado aos valores que são repassados. Tais valores não se restringem ao que é ensinado verbalmente, mas também dizem respeito às experiências de sofrer consequências em determinadas circunstâncias.

O uso de regras em situações lúdicas de ensino pode permitir às crianças adquirir conceitos verbais sobre diversos temas, no que tange ao ensino da prevenção dos acidentes,

esse procedimento pedagógico pode permitir a aprendizagem dos fatores de risco e de segurança, bem como sobre as consequências e danos à saúde causados pelos acidentes. Assim, a temática poderia ser abordada em um contexto lúdico, para motivar as crianças a aprenderem sobre como evitar que os mesmos ocorram, podendo inclusive apresentar mudanças comportamentais decorrentes de tais aprendizados.

O lúdico no contexto educacional constitui-se uma técnica que auxilia profissionais da educação a estimular o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças, o que torna importante a implementação do brincar na rotina infantil, pois há a “necessidade de os pais e profissionais construírem ambientes que incentivem o brincar, uma vez que a brincadeira influencia positivamente o desenvolvimento infantil e compartilha os significados culturais de uma sociedade” (CORDAZZO et al., 2008, p. 429).

Fortuna e Bittencourt (2003) realizaram um estudo cujo objetivo consistiu em investigar as concepções de 184 educadores sobre o uso do jogo no contexto escolar por meio de um questionário-padrão que foi distribuído em atividades de formação de educadores, em universidades e disponibilizado na internet no site do programa de extensão universitária “Quem quer brincar?”. O questionário era composto por questões abertas e fechadas sobre a presença de jogo na escola, frequência/tipo de jogo, papel do professor e importância do jogo para a educação. Os resultados indicaram que os professores consideram que o jogo representa uma possibilidade de auxiliar os alunos a aprender, desenvolver a socialização, a criatividade, a cooperação, a memorização, favorecendo os aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores da criança, propiciando o prazer pela escola e constituindo-se recurso didático que auxilia o trabalho do professor em sala de aula.

As brincadeiras e atividades lúdicas precisam ser planejadas e o professor deve agir com clareza dos objetivos a serem atingidos por meio desse recurso e intervir de modo eficaz para garantir o processo de aprendizagem, visto que:

A estimulação, a variedade, o interesse, a concentração e a motivação são igualmente proporcionados pela situação lúdica (e também por outras). Se acrescentarmos a isso a oportunidade de ser parte de uma experiência que, embora possivelmente exigente, não é ameaçadora, é isenta de constrangimento e permite ao participante uma interação significativa com o meio ambiente, as vantagens do brincar ficam mais aparentes (MOYLES, 2002, p.21).

Neste sentido, Bomtempo (1999) afirma que é necessário que o jogo seja interessante e desafiador, permitindo a participação de todos os alunos do princípio ao fim da brincadeira,

pois somente assim esse pode contribuir significativamente no processo de ensino-aprendizagem.

O referencial teórico acima exposto parece comprovar as contribuições do uso de estratégias lúdicas para o desenvolvimento infantil, justificando a relevância de situações efetivas de aprendizagens que utilizem essas estratégias para motivar os alunos a aprender conceitos e adquirir repertórios comportamentais relevantes para sua formação integral.

2.4 Importância da leitura no contexto escolar

É por volta do século VIII a.C. que a escrita alfabética irrompe na Grécia prioritariamente enquanto uma leitura oralizada, até o surgimento de uma nova forma de ler, mais autônoma e não mais ativada pela voz do leitor: a leitura silenciosa. Em Roma, o uso da escrita data dos primeiros séculos e restringia-se ao corpo sacerdotal e aos grupos nobres, baseando-se em relatos referentes aos aspectos sagrados e jurídicos da cidade. Durante o modelo escolástico ocorrem grandes transformações no ato de ler. Esta perde sua conotação religiosa e ascende para uma tomada de consciência da leitura, quando se constata a necessidade de compreender o método seguido para realizar a leitura de um texto bem como surge a noção de utilidade da mesma. Neste sentido, a leitura torna-se um exercício escolar, sendo a escola e a universidade os principais locais de execução desta atividade (CHATIER; CAVALLO, 2002).

Solé (1998) afirma que a leitura é um processo interativo entre leitor e texto, cujo processo busca satisfazer os objetivos que guiarão a leitura. Assim, pressupõe-se que deve existir um objetivo que por sua vez conduzirá a leitura, ou seja, lemos para alcançar alguma finalidade. Nas palavras da autora:

O leque de objetivos e finalidades que faz com que o leitor se situe perante um texto é amplo e variado: devanear, preencher um momento de lazer e desfrutar; procurar uma informação concreta; seguir uma pauta ou instruções para realizar uma determinada atividade (cozinhar, conhecer as regras de um jogo); informar-se sobre um determinado fato (ler o jornal, ler um livro de consulta sobre a Revolução Francesa); confirmar ou refutar um conhecimento prévio; aplicar a informação obtida com a leitura de um texto na realização de um trabalho, etc (SOLÉ, 1998, p. 22).

De acordo com Melo (2004), os livros de leitura contendo narrativas ficcionais, com o objetivo de ensinar conteúdos curriculares, não são uma produção recente na história do livro para leitura das crianças na escola. Suas origens datam do início do século XX, entretanto, o

termo paradidático surge apenas na década de 1970, período este que ocorre a publicação dos primeiros livros paradidáticos.

Para Andrade, Anjos e Rôças (2009), os livros didáticos e paradidáticos, reunindo conjuntos de conteúdos importantes, podem auxiliar o leitor a ampliar sua visão de mundo e a aprofundar seu olhar de forma crítica às situações que emergem do processo da vida.

Os livros paradidáticos:

[...] são livros temáticos, ou seja, geralmente trabalham um tema por livro, e o conteúdo, normalmente, está de acordo com o currículo escolar; têm formatação diferente da do livro didático, se aproximando do formato da literatura infanto-juvenil; os conteúdos são trabalhados em forma de narrativas, na maioria deles; a preocupação pedagógica se sobressai às intenções estéticas e/ou literárias; possuem poucas páginas e estas são bem ilustradas e coloridas, podendo apresentar diferentes recursos linguísticos; apresentam apurado cuidado gráfico e uma nova diagramação (MELO, 2004, p.18).

Partindo do pressuposto de que a leitura é fonte de prazer e propicia a aquisição de novos conhecimentos ao leitor, considera-se que a utilização de textos paradidáticos em sala de aula pode constituir um recurso pedagógico capaz de viabilizar, ao aluno, a compreensão relativa aos conceitos científicos, promovendo o interesse e a motivação em aprender, bem como permitindo a articulação entre os conteúdos científicos e os aspectos sociais, ambientais e tecnológicos, contribuindo também para a formação da cidadania (ASSIS; TEIXEIRA, 2009).

Salém e Kawamura (1996) acreditam que os textos paradidáticos, na maioria das vezes, tratam dos conteúdos científicos de forma mais atraente, relacionando-os com a realidade, conseguindo assim, aproximar o estudante do mundo da ciência. Alguns textos, além de possuírem características que mostram a ciência integrada ao cotidiano, explicitam o seu caráter cultural ao mostrá-la como atividade intelectual de criação humana, levando o aluno a percebê-la como elemento integrante de um contexto social, político, econômico e tecnológico do mundo atual.

Segundo Oliveira et al. (2009), um material paradidático destina-se a auxiliar o professor em um assunto específico que o livro didático não aborda. Esse tipo de material pode ser usado em qualquer contexto porque não pressupõe a existência de pré-requisitos, o assunto está intimamente ligado com o que está sendo ensinado em sala de aula e está presente em situações do cotidiano.

Dentre as contribuições decorrentes do ato de ler, encontram-se: o desenvolvimento da criatividade, da sensibilidade, do senso crítico e da imaginação, promoção da ampliação do vocabulário e favorecimento do conhecimento acerca da linguagem oral e escrita (VARGAS, 2007).

Além disso, a leitura pode contribuir para o enriquecimento do repertório comportamental das crianças, ao oferecer soluções alternativas para problemas em diferentes áreas do universo infantil, sendo que a utilização desse recurso pode possibilitar à criança o desenvolvimento de:

[...] (1) seu comportamento verbal, aprendendo a descrever seus próprios sentimentos e pensamentos, adquirindo vocabulário novo e aumentando sua fluência verbal; (2) comportamentos criativos, apresentando soluções originais e flexibilizando o pensamento ao considerar várias perspectivas sobre uma mesma situação; (3) o comportamento de ler, tornando a leitura atraente; (4) uma visão crítica da realidade (VASCONCELOS, 2008, p.11).

Diante do exposto, percebe-se a importância da leitura no processo de ensino aprendizagem no contexto educacional, constituindo-se um elemento capaz de propiciar satisfação à criança e contribuir para sua formação humana, tendo em vista que a escola constitui-se um local propício para a formação de leitores que usufruam dos benefícios intrínsecos ao contato com o universo da leitura e que é importante que o professor estimule e incentive o gosto para com o ato de ler, possibilitando a associação de temáticas inerentes ao seu cotidiano.

Neste sentido, para garantir tanto o envolvimento com a leitura quanto a efetivação de novas aprendizagens dela decorrentes, cabe ao professor atentar-se a alguns elementos importantes, tais como o conteúdo e os valores que serão passados no texto por meio da leitura.

Vilas Bôas (2010) analisou uma coleção de livros paradidáticos que retratava situações cotidianas envolvendo a temática dos acidentes infantis e constatou que as histórias não apresentavam os riscos de acidentes inerentes ao ambiente no qual a criança estava inserida, sendo que os acidentes infantis ocorridos eram decorrentes das atitudes das crianças e de sua desobediência, sendo, portanto, elas as únicas responsáveis pela sua ocorrência. A análise do conteúdo das histórias dessa coleção permitiu a conclusão de que embora essa apresente informações pertinentes, caberia ao professor que utilizasse esse material, suscitar entre os alunos reflexões sobre não só as atitudes corretas a serem adotadas pelas crianças, mas também pensar em formas que pudessem tornar o ambiente em um local mais seguro.

Assim, a autora elaborou um material paradidático sobre quedas acidentais com o objetivo de ensinar comportamentos adequados a serem adotados pelas crianças e mudanças ambientais a serem feitas de modo a evitar a ocorrência desses acidentes.

Carvalho (2008) realizou um estudo com o objetivo de identificar os relatos dos diretores e professores sobre os acidentes infantis e verificar o conteúdo dos livros didáticos de ciências quanto ao tema prevenção de acidentes. A pesquisa foi realizada em uma escola de ensino fundamental de uma cidade de pequeno porte do estado de São Paulo. Com relação aos livros didáticos analisados, o autor verificou que apenas 34% deles continha algum tipo de informação sobre acidentes ou prevenção dos mesmos e que nenhum dos livros trabalhou o conceito dos acidentes de forma clara. O autor indica que a elaboração de materiais didáticos de apoio enfocando a prevenção de acidentes e a promoção da saúde seria de suma importância, visto que os livros utilizados pouco falam sobre o tema, havendo uma lacuna de conhecimentos para a utilização pelos professores e alunos.

Dessa forma, o que se observa é que a temática é relevante de ser ensinada no contexto escolar, entretanto há a falta de material disponível que dê suporte ao trabalho do professor. Não obstante, a falta de clareza e até mesmo a abordagem equivocada do tema nos materiais acessíveis ao professor gera a necessidade de que ele esteja sempre atento quanto ao conteúdo dos materiais utilizados, uma vez que o assunto não é abordado devidamente, levando-se em consideração aspectos referentes às mudanças ambientais e comportamentais.

Além do cuidado quanto ao conteúdo a ser abordado nos livros paradidáticos, outro fator relevante a ser levado em consideração são as ilustrações, visto que elas contribuem para prender a atenção e despertar a curiosidade do leitor (BENJAMIN, 1984).

Coelho (1994) indica que é em torno dos sete anos que surge o interesse dos alunos para histórias de crianças, animais e encantamentos, com aventuras no ambiente próximo (família, comunidade) e por volta dos nove anos é que as histórias vinculadas à realidade são as que mais despertam o interesse.

As estratégias pedagógicas a serem utilizadas pelo professor no contexto escolar são importantes para garantir a motivação na leitura. Solé afirma que “nenhuma tarefa de leitura deveria ser iniciada sem que as meninas e meninos se encontrem motivados para ela, sem que esteja claro que lhe encontram sentido” (1998, p. 91).

Assim, para garantir o envolvimento com a leitura, em primeiro lugar é necessário que o professor inicie uma conversa antes de começar a história para instigar os alunos a pensarem a respeito do assunto a ser abordado. Sabe-se que a leitura é um processo contínuo de formulação e verificação de hipóteses e previsões sobre a história contida no texto, e é

necessário que o professor estabeleça com os alunos essas previsões e hipóteses durante a leitura, indagando-os sobre quais assuntos serão abordados e o que imaginam encontrar no texto a ser lido (SOLÉ, 1998).

Ao final da leitura, é relevante que o professor estabeleça uma conversa com as crianças, comentando sobre o que foi lido, de modo a verificar se as previsões corresponderam ou não com a história contida no texto e considerando que “comentar, a que parece, prolonga o deleite, conduz a novas leituras da trama, dos personagens, a uma compreensão mais nítida e esclarecedora” (COELHO, 1994, p.57).

Além da preocupação no que tange às questões relacionadas às estratégias pedagógicas sobre a leitura, uma das formas mais poderosas para os professores incentivarem o amor pela leitura é lendo para, com, sobre e na frente das crianças. É fundamental que ele consiga mostrar a seus alunos o encanto proporcionado pela leitura e que seja um exemplo de leitor a ser copiado por eles.

Então, uma das melhores formas de incentivar o gosto das crianças pela leitura é cercá-las de livros por todos os lados. E, dentro da sala de aula, não há modelo mais efetivo do que um professor que realmente ame os livros e a leitura e consiga passar esse amor, esse prazer aos pequenos (VARGAS, 2007, p.13).

Neste sentido, percebe-se a necessidade do professor mostrar a seus educandos que é também leitor e escritor de textos, de modo a lhes servir de exemplo, contribuindo assim para incentivar o gosto em ler e escrever.

Com base no que foi exposto, percebe-se que quando há o planejamento das práticas de leitura em sala de aula, o professor consegue atuar efetivamente no processo de formação do leitor que não somente lê porque precisa, mas também porque encontra prazer em tal ação, tendo assim a possibilidade de adquirir novos conhecimentos e realizar importantes descobertas, uma vez que:

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1997, p.17).

A leitura de livros paradidáticos no contexto escolar faz-se necessária não somente para promover o acesso e conseqüente envolvimento com o universo da leitura, mas também para que os alunos possam adquirir novas aprendizagens sobre conhecimentos relevantes para

sua formação humana integral, tal como, por exemplo, com a temática da prevenção dos acidentes infantis.

Tendo em vista o anteriormente exposto, acerca da relevância do trabalho em sala de aula sobre a temática dos acidentes infantis, da importância do brincar e da leitura e acreditando na relevância da realização de ações educativas lúdicas no contexto do ensino fundamental, este estudo teve como objetivo avaliar o efeito de dois procedimentos pedagógicos (livro paradidático com atividades complementares e jogo educativo) na aprendizagem de conceitos sobre a prevenção de quedas acidentais infantis.

3 MÉTODO

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNESP/Marília, tendo sido aprovado com o parecer de número 0434/2012.

O delineamento de grupo-controle não equivalente pode ser identificado em situações nas quais são aplicados pré e pós-testes para averiguação da similaridade entre grupos de tratamento antes e após a realização da intervenção (BREAKWELL et al., 2010). Assim, foi utilizado esse delineamento de pesquisa no presente estudo, de modo a avaliar o efeito das ações educativas realizadas por meio do uso do livro paradidático com suas atividades complementares e do jogo educativo.

3.1 Ambiente

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede municipal de ensino fundamental em uma cidade do interior do estado de São Paulo com aproximadamente 220 mil habitantes. Uma outra escola também foi utilizada para realização do estudo piloto.

3.2 Participantes

Participaram quatro professores atuantes nas salas em que foi realizada esta pesquisa, sendo três do sexo feminino e um do sexo masculino. Os professores do GLP e do CLP atuavam no período da manhã e os professores do GJE e do CJE no período da tarde.

Participaram ainda 63 alunos dos quartos anos do ensino fundamental, divididos em quatro grupos, sendo 15 estudantes (23,8%) integrantes do grupo no qual foi aplicada a intervenção com o jogo educativo (GJE), 16 escolares (25,4%) no grupo controle referente ao jogo educativo (CJE), 16 estudantes (25,4%) do grupo no qual foi aplicada a intervenção com o livro paradidático (GLP) e 16 alunos (25,4%) do grupo controle ao livro paradidático (CLP).

Com relação ao sexo dos escolares participantes, observa-se, na Tabela 1, que 54% eram do sexo feminino e 46% do sexo masculino, sendo que nos grupos relacionados ao jogo educativo (GJE e CJE) a proporção de meninos foi maior do que a de meninas e nos grupos relacionados ao livro paradidático (GLP e CLP) ocorreu o inverso, sendo que havia mais meninas do que meninos na composição desses grupos.

A análise estatística da amostra permitiu a verificação de que os grupos eram similares, sendo possível afirmar a homogeneidade entre os grupos relacionados ao jogo educativo e aqueles relacionados ao livro paradidático.

Tabela 1 – Frequências absolutas e relativas das categorias referentes ao sexo dos participantes.

Grupos	Sexo				Número de participantes	
	Masculino		Feminino		<i>f</i>	%
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%		
GJE	8	12,7	7	11,1	15	23,8
CJE	10	15,9	6	9,5	16	25,4
GLP	4	6,3	12	19,1	16	25,4
CLP	7	11,1	9	14,3	16	25,4
Total	29	46,0	34	54,0	63	100,0

A Tabela 2 indica as frequências absolutas e relativas das respostas referentes à idade dos estudantes de cada grupo que participou desta pesquisa.

Observa-se que as idades variaram entre oito e dez anos, com predominância de escolares com nove anos.

Tabela 2 – Frequências absolutas e relativas das categorias referentes à idade dos participantes.

Turmas	Idade					
	Oito anos		Nove anos		Dez anos	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
GJE	1	1,6	12	19	2	3,2
PJE	1	1,6	15	23,8	-	-
GLP	1	1,6	15	23,8	-	-
PLP	-	-	15	23,8	1	1,6
Total	03	4,8	57	90,4	3	4,8

A média das idades foi de 8,9 anos no grupo controle do jogo educativo (CJE), com desvio padrão de 0,3 e no grupo do livro paradidático (GLP) a média foi de 9,1 anos, com desvio padrão de 0,3. No grupo controle do livro paradidático (CLP) a média foi de 8,9 com desvio padrão de 0,3 e no grupo do jogo educativo (GJE), a média foi de 9,1 e o desvio padrão de 0,5. A média de idade dos participantes corresponde à faixa etária indicada para alunos matriculados nos quartos anos do ensino fundamental.

3.3 Materiais

Foram utilizados termos de consentimento para professores (APÊNDICE A e B) e diretores (APÊNDICE C), questionários para alunos (APÊNDICE D) e para professores (APÊNDICE E), livro paradidático (VILAS BÔAS; GIMENIZ-PASCHOAL, 2010) sobre prevenção de acidentes, utilizado por Vilas Bôas (2010) em seu trabalho de conclusão de curso (APÊNDICE F), atividades complementares sobre o tema elaboradas a partir do enredo do livro paradidático (APÊNDICE G), jogo educativo de tabuleiro envolvendo a temática dos acidentes infantis, abordando os mesmos conteúdos daqueles referidos no livro paradidático (APÊNDICES H, I e J) e plano de aula das ações educativas realizadas com o livro paradidático (APÊNDICE K) e com o jogo educativo (APÊNDICE L).

Também foram utilizados computadores, impressora, papel para impressora tamanho A3 e A4, e para a realização das ações educativas foram utilizados lápis, dados e peças de mover em seis cores diferentes.

3.4 Procedimentos

3.4.1 Seleção das escolas e dos participantes

Após a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa, o projeto foi apresentado para coordenadores e diretores de duas escolas da rede municipal de ensino fundamental, uma em que se realizou o estudo piloto e a outra na qual foi realizado o estudo definitivo, para consentimento do desenvolvimento da presente pesquisa.

Inicialmente o projeto de pesquisa foi entregue à Secretaria de Educação e encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa. Após sua aprovação, iniciou-se o contato com as instituições escolares que participaram do presente estudo.

A escolha da escola em que foi realizado o estudo piloto foi aleatória, sendo que a pesquisadora agendou por telefone um horário para apresentação do projeto e materiais de coleta de dados da pesquisa com a equipe de direção e coordenação da escola. A escola tinha duas turmas de quarto ano do ensino fundamental, as quais foram utilizadas para realização das ações educativas com o livro paradidático e o jogo educativo.

A realização do estudo piloto permitiu a adequação e reformulação dos materiais de coleta de dados e ofereceu subsídios para a melhora na ação educativa. Assim, posteriormente às alterações nos materiais, deu-se início à coleta definitiva dos dados.

A pesquisadora entrou em contato com as escolas municipais da cidade para a seleção de uma instituição de ensino que tivesse no mínimo quatro turmas do quarto ano do ensino fundamental, as quais comporiam os grupos intervenção com o jogo educativo e com o livro paradidático, além dos grupos controles para cada grupo de intervenção.

Havia quatro escolas que se enquadravam nesse critério e apenas uma consentiu com a realização do presente estudo. As demais diretoras alegaram que outros projetos de pesquisa já estavam sendo realizados nas escolas, o que inviabilizaria a aceitação nessa pesquisa.

Assim, em horário previamente agendado, a pesquisadora dirigiu-se à unidade escolar para apresentação do projeto de pesquisa à equipe coordenadora e gestora da escola.

A escolha das turmas que comporiam os grupos de intervenção e de controle foi aleatória, sendo que a ação educativa com o livro paradidático ocorreu com a turma matriculada no período da manhã e o jogo educativo foi aplicado com a turma do período da tarde.

3.4.2 Elaboração do jogo educativo e das atividades complementares

O livro paradidático utilizado nesse estudo (APÊNDICE F) foi o mesmo elaborado por Vilas Bôas e Gimenez-Paschoal (2010) e utilizado por Vilas Bôas (2010). A elaboração do livro ocorreu após aplicação de questionários com professores e diretores de uma escola de ensino fundamental, análise documental dos registros de acidentes da escola e filmagem do ambiente escolar, no qual os resultados da coleta de dados indicaram que as quedas constituíam-se o tipo de acidente mais frequente entre os escolares do ensino fundamental (VILAS BÔAS, 2010).

O conteúdo do livro paradidático utilizado na ação educativa retratava situações vinculadas à realidade dos alunos, o que segundo Coelho (1994) corrobora para motivar o interesse dos sujeitos cuja faixa etária varia entre os nove e dez anos. Entretanto, foram elaboradas atividades complementares com a finalidade de envolver os alunos em atividades voltadas para promoção da segurança e transmitir conceitos sobre a prevenção das quedas acidentais.

O conteúdo das atividades complementares (APÊNDICE G) baseia-se nas informações contidas no livro paradidático e caracterizam-se por tarefas escritas de caráter lúdico, tais como: cruzadinhas, caça-palavras e labirinto.

Levando-se em conta o objetivo de comparar estratégias lúdicas para o ensino da temática da prevenção de quedas acidentais no contexto do ensino fundamental, optou-se pela

construção de um jogo de tabuleiro (APÊNDICE I). Este jogo, tal como as estratégias do livro paradidático, são baseados numa proposta de ensino por regras, tendo em vista que essa permite a transmissão de conhecimentos para outros indivíduos com uma redução de tempo, custo e até mesmo sofrimento (CASTANHEIRA, 2001).

Assim, a aprendizagem por regras constituiu a forma de ensino sobre a temática da prevenção dos acidentes infantis, uma vez que permite a disseminação de informações quanto aos fatores de proteção e de risco, de modo a trabalhar a prevenção para a ocorrência dos acidentes infantis, sem expor os sujeitos às suas variáveis, evitando fatores de risco e/ou segurança no ambiente físico bem como promovendo mudanças comportamentais.

Neste sentido, inicialmente retiraram-se as mesmas informações contidas no livro paradidático para a construção do jogo educativo, de modo que em ambas as intervenções a serem realizadas nas salas de aulas com os alunos fossem abordados os mesmos conceitos e conteúdos, sendo que a única variável diferente ao que os alunos foram expostos eram as intervenções, ou seja, o livro paradidático e o jogo educativo.

O jogo é composto por um tabuleiro no qual os participantes devem percorrer um percurso com base nas informações que vão recebendo em cartas de sorte e de azar (APÊNDICE H), que retratam situações de risco e/ou de segurança para a ocorrência das quedas acidentais.

A pesquisadora redigiu as regras do jogo (APÊNDICE I) baseando-se nas regras dos jogos de tabuleiros tradicionais e construiu o tabuleiro com o auxílio do programa de computador *Paint*, sendo que esses foram impressos em folhas de papel sulfite tamanho A3 e posteriormente foram plastificados para garantir a durabilidade do material construído.

3.4.3 Elaboração dos questionários para alunos e para professores

Para avaliação das ações educativas realizadas, foram elaborados questionários para os alunos (APÊNDICE D), de modo a verificar seus conhecimentos prévios e as aprendizagens adquiridas após a participação nas ações educativas.

O questionário elaborado para os alunos foi adaptado do utilizado por Vilas Bôas (2010), o qual era composto por um folheto que ilustrava oito situações cotidianas sobre fatores de risco e/ou segurança para a ocorrência dos acidentes. No referido folheto, as crianças deveriam ligar as situações ilustradas aos itens certo, errado ou não sei. Como discussão dos resultados encontrados, a autora observou que os desenhos poderiam estar induzindo às respostas das crianças, mas que todos os alunos já estavam alfabetizados nos

quartos anos do ensino fundamental. Assim optou-se na presente pesquisa por adaptar o folheto para um questionário, transformando as situações retratadas nos desenhos em frases nas quais os alunos deveriam assinalar os itens “sim” ou “não”, a partir das afirmações contidas em cada frase.

A opção “não sei” foi retirada do questionário, após consulta estatística que indicou que não haveria necessidade do item em questão.

As questões abordadas no questionário para os alunos referiam-se à identificação das quedas como acidente infantil, risco em subir em árvores, risco de se tropeçar em brinquedos espalhados pelo chão, necessidade de proteção ao redor das árvores, risco em subir em cima de lajes e muros para soltar pipas, segurança quanto ao uso de equipamentos de proteção (capacete, cotoveleira e joelheira) ao andar de bicicleta, patins ou skate e risco em descer de cabeça para baixo em escorregadores.

As questões que compunham o presente questionário foram elaboradas em consonância com as informações e conceitos que foram abordadas durante as ações educativas realizadas por meio do livro paradidático e do jogo educativo.

No questionário avaliativo entregue para o professor (APÊNDICE E), procurou-se identificar suas opiniões quanto à adequação do conteúdo da ação educativa com os alunos em relação à idade das crianças, à importância do tema trabalhado, à forma de realização da atividade, à adequação da linguagem ao público-alvo, ao tempo de duração da atividade, à forma como as crianças receberam as atividades e às atividades que foram propostas aos alunos.

O questionário para os professores era composto pelos sete itens mencionados, no qual eles deveriam avaliar a ação educativa, atribuindo notas em uma escala de 1 a 5, na qual 1 representava muito deficiente, 2 deficiente, 3 regular, 4 bom e 5 muito bom.

Ao final do questionário, procurou-se ainda identificar as sugestões e comentários dos professores quanto às ações realizadas.

3.4.4 Estudo piloto

Cozby (2003) define o estudo piloto como um estudo em pequena escala realizado antes de um experimento real, devendo ser planejado para testar e refinar os procedimentos. Assim, sua realização permite a verificação da adequação do conteúdo e dos objetivos propostos, possibilitando a identificação da compreensão das instruções e perguntas ao público-alvo, bem como das mudanças necessárias para a melhora dos materiais e

procedimentos de coleta de dados, além de auxiliar o pesquisador no treino das ações a serem realizadas na coleta de dados.

Neste sentido, o estudo piloto foi realizado em uma escola da rede municipal de ensino fundamental com cinquenta alunos e um professor que ministrava aulas de português para as duas turmas de quarto ano.

O estudo piloto foi realizado no segundo semestre do ano de 2011 e a turma em que foi realizada a ação educativa com o livro paradidático era composta por 23 alunos, dos quais 14 (60,9%) eram do sexo masculino e 9 (39,1%) do sexo feminino. Já no grupo do jogo educativo haviam 27 alunos, sendo que 51,8% eram do sexo masculino e 48,2% do feminino.

Inicialmente, a pesquisadora entrou em contato com a instituição para agendamento de uma data para apresentação dos materiais de pesquisa. Após o consentimento da direção e dos professores e em dias e horários previamente estabelecidos, a pesquisadora realizou as ações educativas em ambas as turmas, sendo que em uma sala foi aplicada a intervenção com o jogo educativo e na outra com o livro paradidático.

O estudo piloto permitiu a adequação do questionário dos alunos, sendo que o professor ofereceu sugestões importantes para a melhora da compreensão das questões a serem respondidas pelas crianças.

O questionário inicial era composto por oito sentenças, nas quais os alunos deveriam assinalar os itens de verdadeiro e/ou falso. De acordo com a opinião do professor que participou do estudo piloto, as crianças dos quartos anos do ensino fundamental ainda não estão acostumadas com atividades desse tipo, o que poderia confundir os escolares no preenchimento do pré e pós teste, por isso ele sugeriu a adequação do questionário, de modo a simplificá-lo e melhorar sua compreensão. Assim, as sentenças foram reformuladas, de modo que as crianças assinalassem os itens de sim e/ou não.

Quanto à realização das ações educativas, o estudo piloto permitiu além do treino da pesquisadora, a estimativa do tempo de duração das atividades e o contato com as reações dos alunos durante as atividades realizadas. Não houve modificações na ação educativa realizada por meio do livro paradidático, mas já no grupo do jogo educativo, a pesquisadora percebeu que os alunos tinham dificuldade em estabelecer a ordem em que cada jogador deveria iniciar o jogo, uma vez que todos queriam ser o primeiro a jogar, portanto a pesquisadora determinou que inicialmente em cada grupo de alunos, a ordem de jogada seria estabelecida pelo total de números atingidos nos dados, em uma ordem decrescente daquele que atingiu o maior número de pontos ao que atingiu a menor pontuação.

Por meio da análise dos dados coletados durante o estudo piloto, observou-se que as ações educativas realizadas propiciaram a aquisição de novos conhecimentos, visto que houve itens em que o total de respostas corretas aumentou em até 80% quando comparadas as respostas do questionário aplicado antes e após as intervenções.

Assim, o estudo piloto permitiu adequações quanto à aplicação das ações educativas e alterações que viabilizassem a melhor compreensão dos alunos do instrumento de coleta de dados (questionário pré e pós). E, tendo em vista os baixos percentuais de conhecimentos prévios corretos sobre a temática das quedas acidentais apresentados pelos alunos, não foram feitas modificações nos conteúdos a serem abordados durante as intervenções por meio do jogo educativo e do livro paradidático, justificando o início da realização da coleta definitiva dos dados.

3.4.5 Aplicação da ação educativa com o livro paradidático

A ação educativa com o livro paradidático foi realizada nas turmas do período da manhã na primeira semana do mês de julho de 2012, em dias e horários previamente agendados com a direção e os professores das turmas. A pesquisadora foi apresentada aos alunos nas salas de aula, em seguida relatou os objetivos da pesquisa e solicitou a participação dos alunos para realização do estudo.

Foi solicitado que os alunos do grupo do livro paradidático (GLP) respondessem ao questionário que lhes foi entregue, de modo a verificar seus conhecimentos prévios sobre a temática da prevenção das quedas acidentais. A pesquisadora ressaltou que não se tratava de prova ou algo que valesse nota, e que, portanto, os alunos deveriam assinalar as respostas segundo suas opiniões. Neste momento, a pesquisadora lia em voz alta para os alunos cada sentença e solicitava que os mesmos assinalassem a resposta correta em suas folhas, de modo a garantir a compreensão de todos os alunos sobre as frases contidas nos questionários.

Após o recolhimento dos questionários, a pesquisadora questionou os alunos o que eles entendiam por acidente infantil e sobre o que sabiam a respeito do tema.

Ao final dos relatos, a pesquisadora apresentou aos alunos o livro paradidático, procurando ouvir suas opiniões sobre o que esperavam encontrar no decorrer da história contida no livro. Os alunos informaram que esperavam obter novas informações sobre como se cuidar para evitar os acidentes e viver com maior segurança.

Em seguida, a pesquisadora ficou diante dos alunos, com estes sentados em seus respectivos lugares e prosseguiu com a leitura da história, sendo que ao final os alunos tiveram a oportunidade de manusear o livro paradidático.

Ao final da leitura, a pesquisadora conversou com os alunos sobre a situação retratada no enredo do livro, resgatando as informações contidas na história sobre fatores de risco e de segurança para a ocorrência das quedas acidentais.

Posteriormente, entregou para todos os alunos as folhas com as atividades complementares, deixando que essas resolvessem livremente as atividades propostas. Após aproximadamente dez minutos iniciou a correção coletiva, na qual a pesquisadora ia colocando na lousa as respostas corretas segundo as indicações fornecidas pelos próprios alunos.

A pesquisadora ressaltou para os alunos a necessidade de transmitir as informações adquiridas para outras pessoas com quem convivem além do contexto escolar, de modo a atuarem enquanto agentes multiplicadores de informações. Deste modo, sugeriu que as crianças contassem para os pais, colegas de rua e familiares sobre as novas informações que haviam recebido durante a ação educativa realizada.

No mesmo dia foi realizada a coleta de dados no grupo controle do livro paradidático (CLP), sendo que a pesquisadora também foi apresentada aos alunos, relatando os objetivos da pesquisa.

Quando entrou na sala, os alunos e professores já haviam sido esclarecidos pela direção da escola que apenas seria aplicado um questionário aos alunos para verificar seus conhecimentos sobre a temática da prevenção das quedas acidentais, mas a pesquisadora ressaltou que os alunos não deveriam se preocupar com respostas certas ou erradas e que os mesmos não estavam sendo avaliados, uma vez que o questionário a ser preenchido seria apenas para verificação de seus conceitos e opiniões.

Os mesmos procedimentos adotados no GLP foram adotados com o grupo CLP, sendo que a pesquisadora lia em voz alta para os alunos cada sentença e solicitava que os mesmos assinalassem a resposta correta em suas folhas, de modo a garantir a compreensão de todos os alunos sobre as frases contidas nos questionários.

Transcorridas duas semanas, a pesquisadora voltou às salas de aula do GLP e CLP para aplicação do pós teste, que consistiu no preenchimento do mesmo questionário que havia sido respondido anteriormente pelos alunos, com a finalidade de verificar se as aprendizagens adquiridas foram mantidas.

Neste momento, a pesquisadora entregou à professora do GLP, solicitando que ela respondesse e devolvesse em seguida o questionário de avaliação das atividades realizadas com seus alunos na sala de aula.

3.4.6 Aplicação da ação educativa com o jogo educativo

A ação educativa realizada com o jogo educativo foi realizada nas turmas do período da tarde na primeira semana do mês de julho de 2012.

Inicialmente a pesquisadora foi apresentada à turma, explicando aos alunos o motivo de sua presença na escola e relatando os objetivos da pesquisa.

Os mesmos procedimentos adotados no GLP foram novamente adotados no grupo do jogo educativo (GJE), sendo que os alunos primeiramente responderam ao questionário para identificação dos conhecimentos prévios sobre a temática da prevenção das quedas acidentais. A pesquisadora informou-lhes de que não se tratava de prova ou de atividade com caráter avaliativo e que os alunos deveriam responder com base em suas opiniões, sendo que esta foi lendo em voz alta todas as questões do questionário, solicitando que cada estudante assinalasse a resposta que julgasse correta.

Após o recolhimento dos questionários, a pesquisadora questionou os alunos sobre o que sabiam acerca da temática dos acidentes infantis.

Ao final dos relatos, a pesquisadora solicitou que os alunos se dividissem em cinco grupos com três pessoas, visto que havia um total de quinze alunos na sala de aula, e distribuiu os dados, o tabuleiro e as peças componentes do jogo.

Em seguida, a pesquisadora leu as regras do jogo (Apêndice I) e explicou para os alunos como deveriam proceder para que todos jogassem corretamente o jogo. Cada grupo, então, iniciou a partida, sendo que a pesquisadora e a professora da turma mantiveram-se disponíveis para que as crianças as consultassem em caso de alguma dúvida.

Decorridos cerca de quinze minutos, e quando todos os alunos haviam terminado a partida, em decorrência da vitória dos jogadores de cada grupo, a pesquisadora recolheu os materiais do jogo e conversou com os estudantes acerca dos fatores de risco e de segurança para a ocorrência das quedas acidentais, com base nas situações contidas nas cartas de sorte e de azar, destacando a necessidade de transmissão dos conhecimentos adquiridos para outras pessoas com quem as crianças convivem, além daquelas de seu contexto escolar, para disseminação de informações sobre a temática estudada.

A aplicação do questionário ao grupo controle do jogo educativo ocorreu no mesmo dia em que a intervenção foi realizada, sendo que a pesquisadora também foi apresentada aos alunos, relatando os objetivos da pesquisa e informando que os alunos deveriam responder segundo suas convicções, não se tratando de uma atividade com caráter de avaliação. Em seguida, foram distribuídos os questionários e foi lida questão por questão, solicitando que os alunos assinalassem as opções que considerassem corretas.

Transcorridas duas semanas, a pesquisadora voltou às turmas para reaplicação dos questionários respondidos pelos alunos, tanto no grupo que participou da intervenção (GJE) quanto no grupo controle (CJE). Neste momento, foi entregue o questionário de avaliação da ação educativa realizada à professora do GJE, solicitando o preenchimento e devolução do mesmo.

3.4.7 Análise dos dados coletados

Inicialmente os dados coletados foram tabulados em planilhas do programa Microsoft Excel. A verificação de alterações nas proporções de respostas adequadas nos grupos pré-teste e pós-teste foi realizada por meio do teste de MacNemar, que é um teste utilizado para a significância de mudanças em experimentos do tipo “antes e depois” em que cada sujeito é utilizado como seu próprio controle (CALLEGARI-JACQUES, 2003).

Os dados obtidos com os grupos controles do livro paradidático e do jogo educativo não foram analisados, uma vez que apresentaram resultados muito similares aos dos grupos intervenção e as diferenças entre eles não foram estatisticamente significativas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Avaliação dos alunos

Quando indagados sobre o conceito de acidentes infantis, as crianças do grupo do livro paradidático relataram situações relacionadas à violência, se caracterizando por episódios de abuso e exploração infantil. A pesquisadora informou aos alunos, então, que esses não seriam considerados acidentes e mencionou o tema quedas, ao que as crianças relataram situações ocorridas no ambiente escolar e/ou doméstico, onde outras pessoas sofreram fraturas e ou lesões decorrentes das quedas acidentais. Não houve relatos de acidentes ocorridos com as próprias crianças nesse grupo.

Enquanto ouvia os relatos dos alunos, a pesquisadora procurou questionar quais foram os comportamentos adotados pelos envolvidos nas situações e que ocasionaram as quedas, sendo possível a identificação de fatores de segurança que poderiam ter sido adotados e fatores de risco que poderiam ser evitados para prevenir a ocorrência desses acidentes.

Diferentemente do relato obtido no GLP, os alunos do grupo do jogo educativo revelaram clareza quanto ao conceito de acidentes e relataram que haviam vivenciado recentemente uma situação com uma colega de sala, a qual estava presente e contou o que lhe havia acontecido no último final de semana, em que sofreu a queda de um “barranco” e teve a costela trincada.

Outros alunos também relataram situações que haviam vivenciado com relação às quedas acidentais e nas quais haviam fraturado braços, pernas e apresentando cicatrizes decorrentes de tais acidentes.

Enquanto ouvia aos relatos dos alunos, a pesquisadora procurou questionar quais foram os comportamentos adotados pelas crianças que ocasionaram as quedas, sendo possível a identificação de fatores de segurança que poderiam ter sido adotados e fatores de risco que poderiam ter sido evitados para prevenir a ocorrência desses acidentes. A própria aluna envolvida no acidente relatado informou que sua avó lhe havia advertido diversas vezes para que não brincasse na área do “barranco”, mas que ela não ouviu aos seus conselhos e depois se arrependeu por não ter lhe obedecido.

O questionário aplicado antes e após a ação educativa permitiu a identificação dos conhecimentos prévios apresentados pelos alunos e as aprendizagens adquiridas nos grupos em que foram aplicadas as intervenções com o jogo educativo e o livro paradidático sobre o tema das quedas acidentais.

A Tabela 3 mostra as frequências absolutas e relativas das categorias de respostas apresentadas pelos alunos antes e após a ação educativa realizada por meio do jogo educativo.

Tabela 3 – Frequências absolutas e relativas das categorias de respostas observadas nos períodos pré e pós-intervenção com o jogo educativo. Resultado do teste McNemar (método exato) utilizado para comparação pré versus pós (n=15).

Categorias	Respostas	Pré-teste	Pós-teste	p
1.Cair é acidente	Sim	12(80%)	15(100,0%)	0,500
	Não	3(20%)	-	
2.Subir em árvores	Sim	1(6,7%)	1(6,7%)	1,000
	Não	14(93,3%)	14(93,3%)	
3. Tropeçar em brinquedos espalhados pelo chão	Sim	15(100,0%)	15(100,0%)	1,000
	Não	-	-	
4.Colocar proteção ao redor de árvores	Sim	14(93,3%)	15(100,0%)	1.000
	Não	1(6,7%)	-	
5.Soltar pipa em laje/telhado	Sim	4(36,4%)	-	0,125
	Não	11(63,6%)	15(100,0%)	
6.Usar equipamento de segurança	Sim	13(86,7%)	15(100,0%)	0,500
	Não	2(13,3%)	-	
7. Descer de cabeça para baixo no escorregador	Sim	4(36,4%)	-	0,125
	Não	11(63,6%)	15(100,0%)	

Pode-se observar quanto ao item “cair é um acidente” que 80% dos escolares assinalaram a resposta correta, sendo que após a intervenção o resultado aumentou para 100%.

Os dados encontrados nesse estudo corroboram com os dados de Gonsales (2008), no qual a autora constata, por meio de relatos verbais fornecidos por escolares da 2ª série do ensino fundamental, que as crianças demonstram conhecimentos adequados acerca do conceito de acidentes domésticos.

Entretanto, pode-se observar que embora a maior parte dos alunos já obtivesse conhecimento sobre as quedas acidentais, haviam alunos que não tinham essa informação, a qual se tornou disponível e depois lembrada por meio da ação educativa realizada com o jogo educativo.

Quanto ao item “segurança em subir em árvores”, as mesmas porcentagens de acertos (93,3%) foram verificadas antes e após a intervenção.

No item “risco em tropeçar em brinquedos espalhados pelo chão” observou-se que todos os alunos assinalaram a opção “sim”, o que indica que eles já detinham essa informação, sendo que no questionário aplicado após a ação educativa foram verificados os mesmos percentuais de acerto (100%).

Quanto ao item “proteção ao redor da árvore”, 93,3% dos escolares assinalaram sim, sendo que esse percentual aumentou para 100% após a ação.

O item “segurança em soltar pipa em cima de lajes e/ou telhados” indicou que 63,3% dos alunos sabiam que a resposta correta seria a alternativa “não”, sendo que no questionário pós o índice de acerto aumentou para 100%.

Quanto ao “uso de equipamento de segurança” na prática de atividades recreativas, tais como bicicleta, skate e/ou patins, 86,7% afirmou ser correto antes da ação, e 100% após a mesma.

Já no item “descer de cabeça para baixo no escorregador”, 63,6% dos escolares indicaram que essa não era uma alternativa correta, sendo que no questionário pós o percentual aumentou para 100%.

No grupo referente ao livro paradidático, pode-se observar que no item “cair é um acidente”, 93,8% dos escolares assinalaram a resposta correta antes da ação educativa realizada com o livro paradidático, sendo que após a intervenção o resultado aumentou para 100%.

Quanto ao item “segurança em subir em árvores”, 93,8% dos alunos indicaram que a frase não estaria correta, sendo que após a ação todos os alunos acertaram a questão.

No item “risco em tropeçar em brinquedos espalhados pelo chão” observou-se que 68,8% dos alunos marcaram a resposta correta e após a ação esse percentual aumentou para 100%.

A análise estatística dos dados não constatou um aumento significativo das respostas, mas pode-se observar que os poucos alunos que não detinham essa informação passaram a tê-las após a intervenção.

Quanto ao item “proteção ao redor da árvore”, 85,7% dos escolares assinalaram a resposta “sim”, sendo que esse percentual aumentou para 100% após a ação. Nesse item foram excluídas duas crianças que não responderam à questão.

No item “segurança em soltar pipa em cima de lajes e/ou telhados” todos os alunos indicaram que a resposta correta seria “não” tanto antes quanto após a ação educativa com o livro paradidático.

Quanto ao “uso de equipamento de segurança” na prática de atividades recreativas, tais como bicicleta, skate e/ou patins, 92,3% afirmou ser correto antes da ação, e 100% após a mesma.

Já no item “descer de cabeça para baixo no escorregador”, percebeu-se que todos os alunos indicaram que a resposta correta seria “não” tanto antes quanto após a ação educativa com o livro paradidático.

A Tabela 4 mostra as frequências absolutas e relativas das categorias de respostas apresentadas pelos alunos antes e após a ação educativa realizada por meio do livro paradidático.

Tabela 4 – Frequências absolutas e relativas das categorias de respostas observadas nos períodos pré e pós-intervenção com o livro paradidático. Resultado do teste McNemar (método exato) utilizado para comparação pré versus pós (n=16).

Categorias	Respostas	Pré-teste	Pós-teste	P
1.Cair é acidente	Sim	15(93,8%)	16(100,0%)	1,500
	Não	1(6,2%)	-	
2.Subir em árvores	Sim	1(6,2%)	-	1,000
	Não	15(93,8%)	16(100,0%)	
3. Tropeçar em brinquedos espalhados pelo chão	Sim	11(68,8%)	16(100,0%)	1,000
	Não	5(31,2%)	-	
4.Colocar proteção ao redor de árvores¹	Sim	12(85,7%)	14(100,0%)	0,500
	Não	2(14,3%)	-	
5.Soltar pipa em laje/telhado	Sim	-	-	1,000
	Não	16(100,0%)	16(100,0%)	
6.Usar equipamento de segurança	Sim	15(92,3%)	16(100,0%)	1,000
	Não	1(7,7%)	-	
7. Descer de cabeça para baixo no escorregador	Sim	-	-	1,000
	Não	16(100,0%)	16(100,0%)	

¹ Excluídas duas crianças que não responderam o item.

Os resultados referentes ao grupo do livro paradidático (GLP) são similares aos do grupo do jogo educativo (GJE), os quais mostram que os alunos já possuíam conhecimentos prévios corretos sobre a temática das quedas acidentais, mas houve aumento do percentual de respostas corretas para a maior parte das questões avaliadas, destacando-se os resultados relativos a “soltar pipa em laje/telhado” e “descer de cabeça para baixo no escorregador”, ambas com um aumento de 63,3% no pré teste para 100% no pós teste do grupo do jogo educativo. No grupo do livro paradidático o item referente a “tropeçar em brinquedos espalhados pelo chão” aumentou de 68,8% para 100% no pré e pós teste, respectivamente.

O uso de dois procedimentos pedagógicos favoreceu que alguns alunos que inicialmente assinalaram as alternativas incorretas indicassem posteriormente as respostas corretas. Deste modo, pode-se afirmar que novos conhecimentos foram transmitidos aos alunos, ainda que as mudanças não tenham sido estatisticamente significativas.

Os dados aqui encontrados corroboram com os estudos de Souza e Vilas Bôas (2004), na qual as autoras identificaram que embora os alunos já possuíssem algum conhecimento prévio sobre o uso de vitamina A, o uso de um texto com conotação literária e um teatro de fantoches contribuíram para a aprendizagem de conceitos, doenças e alimento ricos em vitamina A, sendo que não houve diferença significativa entre as duas técnicas pedagógicas.

Os resultados deste estudo possibilitam ainda reflexões acerca da discrepância entre o conhecimento teórico e o comportamento humano. Embora o conhecimento teórico seja relevante para mudanças comportamentais, a Análise do Comportamento aponta uma discrepância entre o dizer e o fazer, bem como os próprios alunos, embora com conhecimentos prévios corretos, relataram a ocorrência de vários acidentes.

Esta discrepância foi apontada por Monteiro (2012) em seu estudo cujo objetivo era de investigar o uso de álcool, as crenças e os comportamentos de risco no trânsito e as habilidades sociais em universitários. Os dados encontrados pelo autor indicam que mesmo que os estudantes tenham relatado que veem problemas em ser carona de alguém dirigindo sob efeito de álcool, mais de 30% afirmou ter sido passageiro de um motorista que bebeu antes de dirigir.

Neste sentido, estudos futuros poderiam ser realizados com a finalidade de verificar como os conhecimentos apresentados pelos escolares são utilizados cotidianamente e o quanto os mesmos têm se envolvido em situações de risco para a ocorrência ou sofreram quedas acidentais.

4.2 Avaliação dos professores

Por meio das respostas ao questionário entregue aos professores das salas dos alunos dos grupos do jogo educativo (GJE) e do livro paradidático (GLP) foi possível verificar que a professora que atua na turma em que foi aplicado o jogo educativo considerou adequado o conteúdo abordado para com a idade das crianças. A importância do tema trabalhado, a forma como a atividade foi realizada, a adequação da linguagem ao público alvo e o tempo de duração da atividade também foram considerados bons, assim como as atividades que foram propostas aos alunos e a forma como ela avaliou que os alunos receberam a atividade.

Já a professora atuante na turma em que foi aplicado o livro paradidático considerou muito bom o conteúdo e a importância do tema trabalhado. A forma como a atividade foi realizada, a adequação da linguagem ao público alvo e o tempo de duração das atividades também foram avaliados como muito bom, bem como as atividades propostas aos alunos e a forma como estes receberam a atividade.

Nenhuma das professoras participantes desse estudo fez outros comentários e/ou sugestões.

De modo geral, percebeu-se por meio do questionário entregue aos professores que houve uma avaliação positiva quanto às atividades realizadas.

Os resultados encontrados corroboram com o estudo de Gonsales (2008) no qual a autora aponta que ações educativas de realização simples, desde que planejadas adequadamente e considerando as necessidades e características da população a qual se deseja orientar, apresentam viabilidade para o ambiente escolar.

O Ministério da Saúde e da Educação, por meio de Portaria Interministerial que institui o Programa Saúde na Escola (BRASIL, 2007) indica que as ações em saúde deverão ser desenvolvidas articuladamente com a rede de educação pública básica e em conformidade com os princípios e diretrizes do SUS, compreendendo dentre outras ações a redução da morbimortalidade por acidentes e violências.

Nesta pesquisa, os professores fortaleceram novas iniciativas em termos de ações educativas voltadas à prevenção de acidentes infantis, reconhecendo a pertinência do tema para escolares do ensino fundamental e indicando a possibilidade do trabalho em sala de aula. As atividades lúdicas também podem contribuir para motivar os alunos a aprender e professores a ensinar, o que favorece a realização de estudos futuros que desenvolvam estratégias lúdicas como subsídios ao trabalho do professor com a temática.

5 CONCLUSÕES

Conclui-se que a despeito dos escolares apresentarem elevado percentual de conhecimentos prévios corretos, o efeito dos dois procedimentos pedagógicos voltados para a prevenção de quedas acidentais no Ensino Fundamental aumentou o percentual da maior parte das questões trabalhadas. Os percentuais de aumento alcançaram até 36,7%, mas tal diferença não foi estatisticamente significativa.

Verificou-se que os procedimentos pedagógicos tiveram boa aceitação por parte dos professores, são passíveis de serem utilizados em sala de aula e podem contribuir para a aprendizagem de conceitos voltados para a prevenção de quedas acidentais. Além disso, esses procedimentos constituem ferramenta de auxílio para o trabalho docente em sala de aula, uma vez que permite que os alunos se envolvam ativamente no processo de ensino e de aprendizagem, em situações motivadoras e possibilitam a transmissão de conhecimentos científicos de modo lúdico aos alunos dos quartos anos do ensino fundamental.

Embora os alunos tenham demonstrado conhecimento sobre o assunto, estudos complementares poderiam ser realizados de modo a observar seus comportamentos e verificar se os conhecimentos favorecem mudanças de comportamentos das crianças de modo a afastá-los dos riscos e favorecer a adoção de comportamentos mais seguros. Outros estudos também poderiam ser realizados para analisar documentos que contenham registros de acidentes infantis na escola e investigar junto a coordenadores e professores sobre a abordagem da temática com alunos.

Estudos similares poderiam também ser realizados com um número maior de escolas e de alunos, bem como poderiam ser investigadas questões socioeconômicas e culturais dos participantes de modo a verificar quais são os conhecimentos prévios sobre quedas acidentais entre escolares de diferentes contextos sociais.

Uma sugestão para novos estudos seria o uso de filmagens durante a realização da ação educativa, para permitir uma sistematização das informações coletadas durante os diálogos estabelecidos com os alunos. No caso desta pesquisa, a dificuldade em conseguir a autorização dos responsáveis pelas crianças impediu que esse procedimento fosse adotado. Neste estudo, a observação do comportamento dos alunos seria relevante para verificar se os conhecimentos adquiridos em sala de aula contribuíram para a ocorrência de possíveis mudanças comportamentais das crianças, entretanto, a dificuldade do uso de filmagens no ambiente escolar também inviabilizou a realização desse procedimento.

A realização de tais ações vai ao encontro das preconizações feitas por órgãos públicos, que sinalizam a necessidade do trabalho com a temática dos acidentes infantis em escolas, de modo a contribuir para o desenvolvimento sadio e seguro dos alunos. Além disso, contribui para uma educação voltada para a redução da morbimortalidade decorrentes dos acidentes.

Assim, embora haja o reconhecimento da relevância do trabalho em sala de aula sobre o tema dos acidentes infantis o que se verifica no contexto escolar atual é que há uma carência de materiais que ofereçam subsídios ao professor e que são essas escassas na literatura as publicações que relatam trabalhos desenvolvidos com a temática.

Uma educação de caráter preventivo pode permitir avançar em prol da redução dos prejuízos gerados pela ocorrência dos acidentes infantis, quer seja com relação aos gastos públicos deles derivados ou aos danos físicos e psicológicos do acidentado.

O presente estudo oferece ferramentas de auxílio ao professor para trabalhar de maneira lúdica a temática com os escolares, visando à aprendizagem de conceitos sobre fatores de risco e de segurança para as quedas acidentais, além de contribuir para reflexões sobre a relevância do tema e sobre a pertinência em realizar ações educativas que visem a formação integral das crianças e seu desenvolvimento saudável e seguro.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.
- AERTS, D.; ALVES G. G.; LA SALVIA, M. W.; ABEGG, C. Promoção de saúde: a convergência entre as propostas da vigilância da saúde e da escola cidadã. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.20, n. 4, p. 1020-1028, Jul./ago. 2004.
- ANDRADE, T. J. S.; ANJOS, M. B.; RÔÇAS, G. A árvore na poesia de Drummond: a construção de livro paradidático para a Educação Ambiental. *Ciências & Cognição*, v. 14, n. 3, p. 103-113, 2004.
- ASSIS, A.; TEIXEIRA, O. P. B. Argumentações discentes e docente envolvendo aspectos ambientais em sala de aula: uma análise. *Ciência & Educação*, v. 15, n.1, p. 47-60, 2009.
- BENJAMIM, W. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, 1984.
- BERNARDES, S. M. C. Algumas das coisas que B. F. Skinner pode dizer a professores e estudantes de psicologia interessados em educação. In: TEIXEIRA, A. M. S.; MACHADO, A. M. L. S.; CASTRO; N. M. S.; CIRINO, S. D. (org.). *Ciência do comportamento: conhecer e avançar*, v. 2. Santo André: ESETec, 2002, p.43-50.
- BLANK, D. Controle de acidentes e injúrias físicas na infância e na adolescência. In: COSTA, M. C. O; SOUZA, R. P. S. *Avaliação e cuidados primários da criança e do adolescente: manual elaborado para uso multiprofissional e multidisciplinar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p235-242.
- BLANK, D. Prevenção e controle de injúrias físicas: saímos ou não do século 20? *Jornal de Pediatria*, v. 8, n. 2, p. 84-86, 2002.
- BOMTEMPO, E. Brinquedo e educação: na escola e no lar. *Psicologia Escolar e Educacional*, Campinas, v. 3, n. 1, 1999.
- BORBA, V. R. S.; MELO, L. S. O lúdico como possibilidade de intervenção no desenvolvimento biopsicossocial da criança no espaço escolar. *Nucleus*, v.07, n. 02, p.09-16, 2010.
- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Leis de diretrizes e bases da educação nacional*. Diário Oficial da União. 23 dez 1996; Seção 1:27833-41.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: meio ambiente*. Brasília: MEC/SEE, 1997.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretarias de Políticas de Saúde. Política nacional de redução da morbimortalidade por acidentes e violência. *Rev. Saúde Pública*, v. 34, n. 4, p. 427-430, ago. 2000.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Política nacional de redução da morbimortalidade por acidentes e violências*. Portaria n. 737/GM 16 maio 2001. Disponível em: <http://www.conselho.saude.gov.br>. Acesso em 27 jul. 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação de Saúde. *Política nacional de redução de morbimortalidade por acidentes e violência*: Portaria MS/GM nº 737 de 16/05/01, publicada no DOU nº 96 seção 1E de 18/05/01 / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Análise de Situação de Saúde. – 2. ed.- Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2005. 64p.

BRASIL. Lei n. 6.286, de 05 de dezembro de 2007. *Programa Saúde na Escola*. Diário Oficial da União.

BREAKWELL, G. M.; HAMMOND, S.; FIFE-SCHAW, C.; SMITH, J. *Métodos de pesquisa em psicologia*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CARDOSO, V.; REIS, A.P.; IERVOLINO, S.A. Escolas promotoras de saúde. *Rev. Bras. Crescimento Desenvol. Hum*, v. 18, n. 2, p. 107-115, 2008.

CARVALHO, F. F. *Acidentes infantis*: relatos de diretores e professores de ensino fundamental e análise do material didático. 2008. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

CASTANHEIRA, S. S. Regra e aprendizagem por contingência: sempre e em todo lugar. In: GUILHARD, H.J.; MADI, M. B. B. P.; QUEIROZ, P.P.; SCOZ, M. C. (Orgs) *Sobre comportamento e cognição*: expondo a variabilidade. Santo André: ESETEC, v. 07, 2001.

CALLEGARI-JACQUES, S. M. *Bioestatística*: princípios e aplicações. Porto Alegre: Artmed, 2003.

CHARTIER, R.; CAVALLO, G. (Orgs) *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 2002.

COELHO, B. *Contar histórias uma arte sem idade*. São Paulo: Ática, 1994. 78p.

COSCRATO, G.; PINA, J. C.; MELLO, D. F. Utilização de atividades lúdicas na educação em saúde: uma revisão integrativa da literatura. *Acta paul. enferm.* São Paulo, v. 23, n. 2, Abr. 2010.

CORDAZZO, S. T. D.; WESTPHAL, J. P.; TAGLIARI, F. B.; VIEIRA, M. L.; OLIVEIRA, A. M. F. Metodologia observacional para o estudo do brincar na escola. *Avaliação psicológica*, Porto Alegre, v. 7, n. 3, dez, 2008.

COZBY, P. C. *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento*. São Paulo: Atlas, 2003.

CUNHA, E.; SOUSA, A. A.; MACHADO, N. M. V. A alimentação orgânica e as ações educativas na escola: diagnóstico para a educação em saúde e nutrição. *Ciência & saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, set, 2010.

- CYPEL, S.; ANDRADE, A. F.; MARINO, R.; MIURA, F. K.; RODRIGUES, J. C. Traumatismo cranioencefálico: aspectos clínicos e cirúrgicos. In: WAKSMAN, R. D.; GIKAS, R. M. C. *Segurança na infância e adolescência*. São Paulo: Atheneu, 2003, p. 77-96.
- DE ROSE, J. C. C; GIL, M. S. C. A. Para uma análise do brincar e de sua função educacional. In: BRANDÃO, M. Z. S. (org.). *Sobre comportamento e cognição: a história e os avanços, a seleção por conseqüências em ação*. Vol. 11. Santo André: ESETec, 2003, p. 373-382.
- FERREIRA, A. B. H. *Minidicionário de língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. 577 p.
- FILÓCOMO, F. R. F.; HARADA, M.J.C.S.; SILVA, C.V.; PEDREIRA, M.L.G. Estudo dos acidentes na infância em um pronto socorro pediátrico. *Revista Latino-am. de Enfermagem*, v.10, n.1, p. 41-47, 2002.
- FORTUNA, T. R.; BITTENCOURT, A. D. S. Jogo e educação: o que pensam os educadores. *Revista Psicopedagogia*, set., n.20, 2003, p. 234-242.
- GATTI, B. A.; ESPOSITO, Y. L.; SILVA, R. N. Características de professores(as) de 1º grau no Brasil: perfil e expectativas. *Revista Educação e Sociedade*, ago., n. 48, 1994, p.248-260.
- GIKAS, R. M. C.; SCHVARTSMAN, C.; FONTANA, C. Promoção da segurança infantil. In: ISSLER, H.; LEONE, C.; MARCONDES, E. *Pediatria na atenção primária*. Ed. Sarvier, 1999.
- GILCHRIST, J.; SALUJA, G.; MARSHALL, S. Interventions to prevent sports and recreation-related injuries. In: DOLL, L. S.; BONZO, S. E.; MERCY, J. A.; SLEET, D. A. *Handbook of injury and violence prevention*. Atlanta: Springer, 2007.
- GIMENIZ-PASCHOAL, S. R.; GONSALES, T. P.; VILAS BÔAS, B.; COSTA, P. F.; PIRES, D. O. Realização de atividades por professores do Ensino Fundamental voltadas para a prevenção de acidentes infantis. In: *VII Colóquio Nacional de Pesquisa em Educação*, São João Del Rei, 2010.
- GONSALES, T. P. *Ação educativa de prevenção de acidentes domésticos em escola de ensino fundamental*. 2008. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.
- HABER, G. M.; CARMO, J. S. O fantasiar como recurso na clínica comportamental infantil. *Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva*, v. 09, n.01, 2007, p.45-61.
- HOUAISS, A. (Org.) *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. Organizado pelo instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e banco de dados da língua portuguesa -2. ed. rev.e aum.- Rio de janeiro: Objetiva, 2004.
- KISHIMOTO, T. M. *O jogo e a educação infantil*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- KOHN, K. Desenho animado: um brinquedo ou uma arma na formação da criança? *Revista Anagrama – Revista Interdisciplinar da Graduação*, São Paulo, v. 1, n. 1, 2007.

KRUG, S. E. A criança agudamente enferma ou traumatizada. In: BEHRMAN, R.; KLILGMAN, R. M. (Orgs.) *Princípios de pediatria*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

LIBERAL, E. F.; AIRES, R. T.; AIRES, M. T.; OSÓRIO, A. C. Escola segura. *Jornal de Pediatria*, v. 81, n. 05 (supl.), p. 155-163, 2005.

MACIEL, M. F. Acidentes na infância. In: FIGUEIRA, F.; FERREIRA, O. S.; ALVES, J. G. B. *Pediatria*: Instituto Materno Infantil de Pernambuco. Rio de Janeiro: Medsi, 1990.

MARTINS, C. B. G. Acidentes na infância e adolescência: uma revisão bibliográfica. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 59, n. 03, p.344-348, 2006.

MASCARENHAS, M. D. M.; MONTEIRO, R. A.; SÁ, N. N. B.; GONZAGA, L. A. A.; NEVES, A. C. M.; ROZA, D. L.; SILVA, M. M. A.; DUARTE, E. C.; MALTA, D. C. Epidemiologia das causas externas no Brasil: mortalidade por acidentes e violências. In: BRASIL. Ministério da Saúde (MS). Secretaria de Vigilância em Saúde. *Saúde Brasil 2010: uma análise da situação de saúde e de evidências selecionadas de impacto de ações de vigilância em saúde*. Brasília: MS, 2011.

MATOS, M. A. Comportamento governado por regras. *Rev. bras. ter. comport. cogn.*, dez., n. 02, v. 03, 2001. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452001000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 22 maio 2012.

MELO, E. A. A. *Livros paradidáticos de Língua Portuguesa para crianças: uma fórmula editorial para o universo escolar*. 2004. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

MEYER, S. Análise funcional do comportamento. In: COSTA, C.E.; LUZIA, J.C.; SANT'ANNA, H.H.N. (Orgs.) *Primeiros passos em Análise do Comportamento e Cognição*. Vol. 1. Santo André: ESETec, 2003.

MIRANDA, R. L. O brincar como um instrumento de intervenção na terapia analítico-comportamental infantil. In: CILLO, E. N. P.; SANTOS, M. R. M. (org.). *Ciência do comportamento: conhecer e avançar*, v. 06. Santo André: ESETec, 2007, p.82-87.

MONTAGNANA, J. A.; SUELOTTO, R. R.; MELIS, V. A. *Fontes para a educação infantil*. São Paulo: Cortez, 2003.

MONTEIRO, V. B. P. N. *Uso de álcool, comportamentos de risco no trânsito e habilidades sociais em universitários*. 2012. 60 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012.

MOYLES, J. *Só brincar? O papel do brincar na educação infantil*. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

OLIVEIRA, H. N. L.; BONFIM, M. D.; MARINHO, R.F.; GARCIA, W. M. V.; SOARES, M. H. F. B. Elaborando um material paradidático: química na cozinha. In: XVI Encontro

Centro-Oeste de Debates sobre Ensino de Química, 36., 2009, Goiás. *Resumo*. Goiás: UFG, 2009.

OLIVEIRA, R. A. *Educação infantil e acidentes: opiniões dos profissionais e caracterização dos riscos do ambiente*. 2003. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

OLIVEIRA, R. A. *Comportamentos de risco para acidentes em playgrounds: identificação e opiniões de profissionais da educação infantil*. 2008. 167 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde*. 10ª revisão. São Paulo, v.1, 1993.

PEREIRA, M. E. M.; MARINOTTI, M.; LUNA, S. V. O compromisso do professor com a aprendizagem do aluno: contribuições da Análise do Comportamento. In: HUBNER, M. M. C.; MARINOTTI, M. (orgs.) *Análise do comportamento para a educação*. Santo André: ESETec, 2004.

PEREIRA, A. S., LIRA, S. V. G.; XAVIER, E. P.; VIEIRA, L. J. E. S. Produção sobre acidentes e violência apresentada em encontros de iniciação científica. Rio de Janeiro. *Revista de Enfermagem*, v. 15, n. 2, p. 218-222, 2007.

PRESSLEY, J. C.; BARLOW, B.; KENDIG, T.; PANETH-POLLAK, R. Twenty-year trends in fatal injuries to very young children: the persistence of racial disparities. *Pediatrics*, v. 119, n.4, p. e875-e884, Apr., 2007.

SALÉM, S.; KAWAMURA, R. O texto de divulgação e o texto didático: conhecimentos diferentes? In: Encontro de pesquisadores em ensino de física, 5, Águas de Lindóia, *Atas...* Águas de Lindóia, 1996. p.588-598.

SALVADOR, A.C.; NOGUEIRA, A.B.L.; GOMES, C.M.; OLIVEIRA, E.C.J.; LIMA, F.R.C.; LUZ, K.M.; ARAUJO, L.P.P.; GONÇALVES, P.L. Aprendizagem e brincadeira: um trabalho lúdico com sucata. *Revista de Ciência da Educação*, v. 01, n. 24, 2011, p. 487-504.

SANTOS, T. A. B. *Atividade lúdica: uma análise da visão dos professores da pré-escola de Três Lagoas*, M.S. 1995. 136f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 1995.

SARACHO, O. N. Educational play in early childhood education. *Early Child Development and Care*, v. 66, p. 45-64, 1991.

SENA, S. P.; RICAS, J.; VIANA, M. R. A. A percepção dos acidentes escolares por educadores do ensino fundamental, Belo Horizonte. *Revista Med. Minas Gerais*, v. 18, n. 4 (supl.), p. 47-54, 2008.

SKINNER, B. F. *Tecnologia do ensino*. São Paulo: Herder/EDUSP. 1972.

SLEET, S. A.; GIELEN, A. C. Behavioral interventions for injury and violence prevention. In: DOLL, L. S.; BONZO, S. E.; MERCY, J. A.; SLEET, D. A. *Handbook of injury and violence prevention*. Atlanta: Springer, 2007.

SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SOUZA, L. J. E. X.; BARROSO, M. G. T. Revisão bibliográfica sobre acidentes com crianças. *Rev Esc Enferm*, São Paulo, v. 33, p. 107-12, 1999.

SOUZA, L. J. E. X.; BARROSO, M. G. T. Acidente doméstico em crianças: abordagem conceitual. *Acta Paul Enferm*, v. 12, n. 1, p. 70-77, 1999b.

SOUZA, W. A.; VILAS BOAS, O. M. G. C. Orientação sobre o uso de vitamina A na saúde escolar: comparação de técnicas pedagógicas. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232004000100018&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 set. 2010.

VARGAS, A. S. Lendo com prazer. *Revista do professor*. Porto Alegre, v.13, n.23, p.9-14, jan./mar. 2007.

VASCONCELOS, L. A. *Brincando com histórias infantis: uma contribuição da análise do comportamento para o desenvolvimento de crianças e jovens*. Santo André: ESETec, 2008.

VIEIRA, L. J. E.; ARAÚJO, K. L.; CATRIB, A. M. F.; VIEIRA, A. C. V. C. O lúdico na prevenção de acidentes em crianças de 4 a 6 anos. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, v. 18, n. 2, p. 78-84, 2005.

VILAS BOAS, B. V.; GIMENIZ-PASCHOAL, S. R. *Vivendo contente e bem longe dos acidentes*; ilustrações de Marieta Bonadio. Marília, 2010.

VILAS BÔAS, B. *Material paradidático voltado para a prevenção de acidentes infantis: levantamento de subsídios, elaboração e avaliação*. 2010. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

VIVAS, E.; SEQUEDA, M. G. Um juego como estratégia educativa para el control de Aedes aegypti en escolares venezolanos. *Rev Panam Salud Publica*, v. 14, n.06, 2003, p.394-401.

WAKSMAN, R. D.; GIKAS, R. M. C. Papel do pediatra no desenvolvimento do comportamento seguro. In: WAKSMAN, R. D.; GIKAS, R. M. C. *Segurança na infância e adolescência*. São Paulo: Atheneu, 2003, p. 21-31.

WILLER, B.; DUMAS, J.; HUTSON, A.; LEDDY, J. A population based investigation of head injuries and symptoms of concussion of children and adolescents in schools. *Inj. Prev.*, London, v.10, n. 3, June, 2004, p. 144-148.

WILLIAMS, A. V.; MEYER, E.; PECHANSKY, F. Desenvolvimento de um jogo terapêutico para prevenção da recaída e motivação para mudança em jovens usuários de drogas. *Psicologia: teoria e prática*, v. 23, n.04, 2007, p. 407-414.

ZANOTTO, M. L. B. *Formação de professores: a contribuição da análise do comportamento*. São Paulo: EDUC, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de PROFESSORES que atuam nas Escolas da Rede Municipal de Ensino Fundamental

Prezado(a) Senhor(a)

Gostaríamos de solicitar a Vossa colaboração para a realização do Projeto de Pesquisa intitulado “Uso de estratégias pedagógicas voltadas para a prevenção dos acidentes infantis no ensino fundamental”, realizada por um membro do Grupo de Pesquisa Educação e Acidentes (EDACI) da UNESP de Marília.

O objetivo deste projeto é avaliar o efeito de duas técnicas pedagógicas na aprendizagem de conceitos sobre a prevenção de acidentes infantis e a promoção da segurança com escolares do ensino fundamental, visando à aprendizagem de conceitos sobre o tema.

Os procedimentos envolvidos consistirão na coleta de dados mediante questionários para investigação dos conhecimentos prévios dos alunos sobre a temática, realização das ações educativas (aplicação de um material paradidático sobre o tema quedas em uma turma de quarto ano e realização de um jogo interativo sobre o mesmo tema em outra turma da escola, além do uso de grupos controles, nos quais apenas serão aplicados os questionários para verificação dos conhecimentos dos alunos, sem que estes tenham sido expostos às intervenções) e avaliação de professores e alunos sobre as atividades propostas.

A Vossa colaboração é muito importante para alcançar estes objetivos e consistiria em: 1) autorizar a realização da pesquisa e 2) responder ao questionário de avaliação que se apresenta em anexo. Ressalta-se que as informações obtidas poderão servir para outras atividades de ensino, de pesquisa e de extensão de serviços à comunidade.

Informamos que Vossa colaboração não terá qualquer custo financeiro, deverá ser voluntária e seguramente não trará qualquer prejuízo à sua pessoa, aos profissionais e aos alunos ligados a esta Instituição Educacional, e que deverá ser espontânea, podendo retirar seu consentimento a qualquer momento que desejar.

Sempre que necessitar, esclareceremos qualquer dúvida que tiver a respeito da pesquisa e do uso das informações que obterei com todos que colaborarem e informaremos sobre o andamento e dos resultados deste Projeto, bastando entrar em contato com a Coordenadora da Pesquisa.

Desde já asseguramos que sua identidade sempre será mantida em segredo, bem como a dos profissionais, dos estudantes e da Escola.

Se estiver de acordo, gostaríamos de solicitar o preenchimento e assinatura de uma via deste Termo de Consentimento, devolvendo-a e ficando com a outra cópia.

Agradecemos Vossa atenção e colocamo-nos à disposição para qualquer outro esclarecimento.

Atenciosamente,

BRUNA VILAS BÔAS
Mestranda em Educação
Telefones para contato na UNESP: 3402-1369 (EDACI)
E-mail: brunavb_euzinha@hotmail.com

DE ACORDO: Dra. SANDRA REGINA GIMENIZ-PASCHOAL
Coordenadora da Pesquisa
Professora do Curso de Fonoaudiologia e do Curso de Pós Graduação em Educação
Telefones para contato na UNESP: 3402-1324 (Departamento de Fonoaudiologia) e 3402-1369 (EDACI).
E-mail: sandragp@marilia.unesp.br

Eu, _____,
(nome completo por extenso)

R.G. _____, ligado à _____,
(nome da Escola)

concordo espontaneamente em colaborar com o projeto de pesquisa de Mestrado de Bruna Vilas Bôas.

Marília, ____ de _____ de _____.

(Assinatura)

APÊNDICE B



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de PROFESSORES que atuam nas Escolas da Rede Municipal de Ensino Fundamental

Prezado(a) Senhor(a)

Gostaríamos de solicitar a Vossa colaboração para a realização do Projeto de Pesquisa intitulado “Uso de estratégias pedagógicas voltadas para a prevenção dos acidentes infantis no ensino fundamental”, realizada por um membro do Grupo de Pesquisa Educação e Acidentes (EDACI) da UNESP de Marília.

O objetivo deste projeto é avaliar o efeito de duas técnicas pedagógicas na aprendizagem de conceitos sobre a prevenção de acidentes infantis e a promoção da segurança com escolares do ensino fundamental, visando à aprendizagem de conceitos sobre o tema.

Os procedimentos envolvidos consistirão na coleta de dados mediante questionários para investigação dos conhecimentos prévios dos alunos sobre a temática, realização das ações educativas (aplicação de um material paradidático sobre o tema quedas em uma turma de quarto ano e realização de um jogo interativo sobre o mesmo tema em outra turma da escola, além do uso de grupos controles, nos quais apenas serão aplicados os questionários para verificação dos conhecimentos dos alunos, sem que estes tenham sido expostos às intervenções) e avaliação de professores e alunos sobre as atividades propostas.

A Vossa colaboração é muito importante para alcançar estes objetivos e consistiria em: 1) autorizar a realização da pesquisa e 2) permitir a aplicação do questionário que se apresenta em anexo aos alunos. Ressalta-se que as informações obtidas poderão servir para outras atividades de ensino, de pesquisa e de extensão de serviços à comunidade.

Informamos que Vossa colaboração não terá qualquer custo financeiro, deverá ser voluntária e seguramente não trará qualquer prejuízo à sua pessoa, aos profissionais e aos alunos ligados a esta Instituição Educacional, e que deverá ser espontânea, podendo retirar seu consentimento a qualquer momento que desejar.

Sempre que necessitar, esclareceremos qualquer dúvida que tiver a respeito da pesquisa e do uso das informações que obterei com todos que colaborarem e informaremos sobre o andamento e dos resultados deste Projeto, bastando entrar em contato com a Coordenadora da Pesquisa.

Desde já asseguramos que sua identidade sempre será mantida em segredo, bem como a dos profissionais, dos estudantes e da Escola.

Se estiver de acordo, gostaríamos de solicitar o preenchimento e assinatura de uma via deste Termo de Consentimento, devolvendo-a e ficando com a outra cópia.

Agradecemos Vossa atenção e colocamo-nos à disposição para qualquer outro esclarecimento.

Atenciosamente,

BRUNA VILAS BÔAS
Mestranda em Educação
Telefones para contato na UNESP: 3402-1369 (EDACI)
E-mail: brunavb_euzinha@hotmail.com

DE ACORDO: Dra. SANDRA REGINA GIMENIZ-PASCHOAL
Coordenadora da Pesquisa
Professora do Curso de Fonoaudiologia e do Curso de Pós Graduação em Educação
Telefones para contato na UNESP: 3402-1324 (Departamento de Fonoaudiologia) e 3402-1369 (EDACI).
E-mail: sandragp@marilia.unesp.br

Eu, _____,
(nome completo por extenso)

R.G. _____, ligado à _____,
(nome da Escola)

concordo espontaneamente em colaborar com o projeto de pesquisa de Mestrado de Bruna Vilas Bôas.

Marília, ____ de _____ de _____.

(Assinatura)

APÊNDICE C



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de DIRETORES que atuam nas Escolas da Rede Municipal de Ensino Fundamental

Prezado(a) Senhor(a)

Gostaríamos de solicitar a Vossa colaboração para a realização do Projeto de Pesquisa intitulado “Uso de estratégias pedagógicas voltadas para a prevenção dos acidentes infantis no ensino fundamental”, realizada por um membro do Grupo de Pesquisa Educação e Acidentes (EDACI) da UNESP de Marília.

O objetivo deste projeto é avaliar o efeito de duas técnicas pedagógicas na aprendizagem de conceitos sobre a prevenção de acidentes infantis e a promoção da segurança com escolares do ensino fundamental, visando à aprendizagem de conceitos sobre o tema.

Os procedimentos envolvidos consistirão na coleta de dados mediante questionários para investigação dos conhecimentos prévios dos alunos sobre a temática, realização das ações educativas (aplicação de um material paradidático sobre o tema quedas em uma turma de quarto ano e realização de um jogo interativo sobre o mesmo tema em outra turma da escola, além do uso de grupos controles, nos quais apenas serão aplicados os questionários para verificação dos conhecimentos dos alunos, sem que estes tenham sido expostos às intervenções) e avaliação de professores e alunos sobre as atividades propostas.

A Vossa colaboração é muito importante para alcançar estes objetivos e consistiria em: 1) autorizar a realização da pesquisa nesta unidade escolar. Ressalta-se que as informações obtidas poderão servir para outras atividades de ensino, de pesquisa e de extensão de serviços à comunidade.

Informamos que Vossa colaboração não terá qualquer custo financeiro, deverá ser voluntária e seguramente não trará qualquer prejuízo à sua pessoa, aos profissionais e aos alunos ligados a esta Instituição Educacional, e que deverá ser espontânea, podendo retirar seu consentimento a qualquer momento que desejar.

Sempre que necessitar, esclareceremos qualquer dúvida que tiver a respeito da pesquisa e do uso das informações que obterei com todos que colaborarem e informaremos sobre o andamento e dos resultados deste Projeto, bastando entrar em contato com a Coordenadora da Pesquisa.

Desde já asseguramos que sua identidade sempre será mantida em segredo, bem como a dos profissionais, dos estudantes e da Escola.

Se estiver de acordo, gostaríamos de solicitar o preenchimento e assinatura de uma via deste Termo de Consentimento, devolvendo-a e ficando com a outra cópia.

Agradecemos Vossa atenção e colocamo-nos à disposição para qualquer outro esclarecimento.

Atenciosamente,

BRUNA VILAS BÔAS
Mestranda em Educação
Telefones para contato na UNESP: 3402-1369 (EDACI)
E-mail: brunavb_euzinha@hotmail.com

DE ACORDO: Dra. SANDRA REGINA GIMENIZ-PASCHOAL
Coordenadora da Pesquisa
Professora do Curso de Fonoaudiologia e do Curso de Pós Graduação em Educação
Telefones para contato na UNESP: 3402-1324 (Departamento de Fonoaudiologia) e 3402-1369 (EDACI).
E-mail: sandragp@marilia.unesp.br

Eu, _____,
(nome completo por extenso)

R.G. _____, ligado à _____,
(nome da Escola)

concordo espontaneamente em colaborar com o projeto de pesquisa de Mestrado de Bruna Vilas Bôas.

Marília, ____ de _____ de _____.

(Assinatura)

APÊNDICE D



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília
Faculdade de Filosofia e Ciências



NOME: _____ IDADE: _____
ESCOLA: _____

MARQUE UM X NA ALTERNATIVA QUE VOCÊ ACHA CERTA.

1 - CAIR É UM ACIDENTE?

() SIM () NÃO

2- É SEGURO SUBIR EM ÁRVORES?

() SIM () NÃO

3- EXISTE O RISCO DAS CRIANÇAS TROPEÇAREM NOS BRINQUEDOS ESPALHADOS PELO CHÃO?

() SIM () NÃO

4- DEVERIA HAVER PROTEÇÃO AO REDOR DAS ÁRVORES, PARA EVITAR QUE AS CRIANÇAS SUBAM NELAS?

() SIM () NÃO

5- É SEGURO SOLTAR PIPAS EM CIMA DE LAJES OU TELHADOS?

() SIM () NÃO

6- AS CRIANÇAS PRECISAM USAR EQUIPAMENTOS DE SEGURANÇA (CAPACETE, JOELHEIRA E COTOVELEIRA) AO ANDAR DE BICICLETA?

() SIM () NÃO

7- É CERTO AS CRIANÇAS DESCEREM DE CABEÇA PARA BAIXO NO ESCORREGADOR.

() SIM () NÃO

MUITO OBRIGADA!

APÊNDICE E



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília

Faculdade de Filosofia e Ciências



Questionário para PROFESSORES do quarto ano da Rede Municipal de Ensino Fundamental

DATA: _____ NOME DA ESCOLA: _____

NOME: _____

Instruções de preenchimento:

Para preencher esse questionário você deverá utilizar a escala abaixo que é composta por 5 itens, sendo:

Muito bom = 5; Bom = 4; Regular = 3; Deficiente = 2; Muito Deficiente = 1.

Para responder esse tipo de questão, escolha apenas uma opção, marcando com um X.

Como você avalia a atividade realizada com os alunos, com relação:

a) à adequação do conteúdo abordado e a idade das crianças:

1 2 3 4 5

b) à importância do tema trabalhado:

1 2 3 4 5

c) à forma como a atividade foi realizada:

1 2 3 4 5

d) à adequação da linguagem ao público-alvo:

1 2 3 4 5

e) ao tempo de duração da atividade:

1 2 3 4 5

f) à forma como as crianças receberam a atividade:

1 2 3 4 5

g) à atividade que foi proposta aos alunos:

1 2 3 4 5

h) Você gostaria de fazer algum comentário ou sugestão? _____

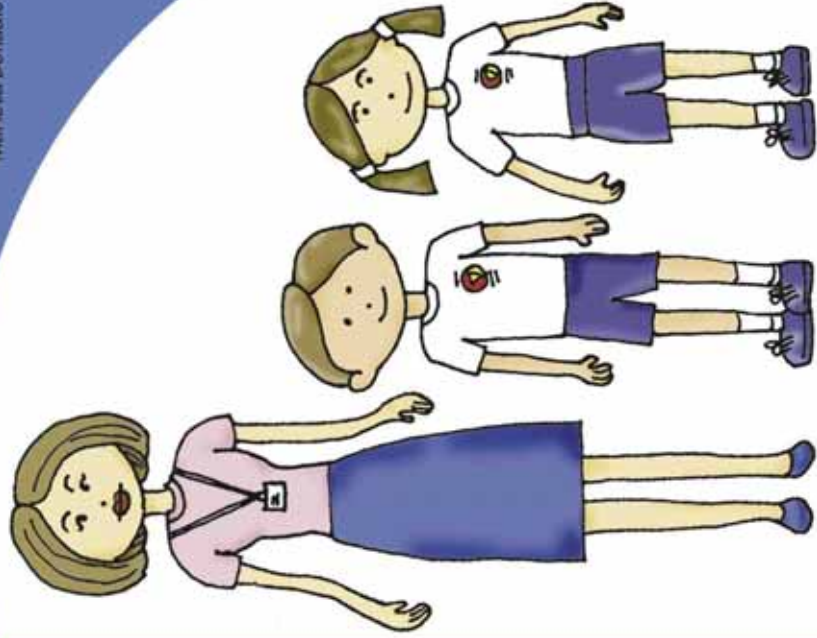
Agradecemos por participar!

APÊNDICE F

VIVENDO CONTENTE E BEM LONGE DOS ACIDENTES

Bruna Vilas Boas

Ilustrações
Marieta Bonadio



**Quero é viver contente,
bem longe dos acidentes!!!**

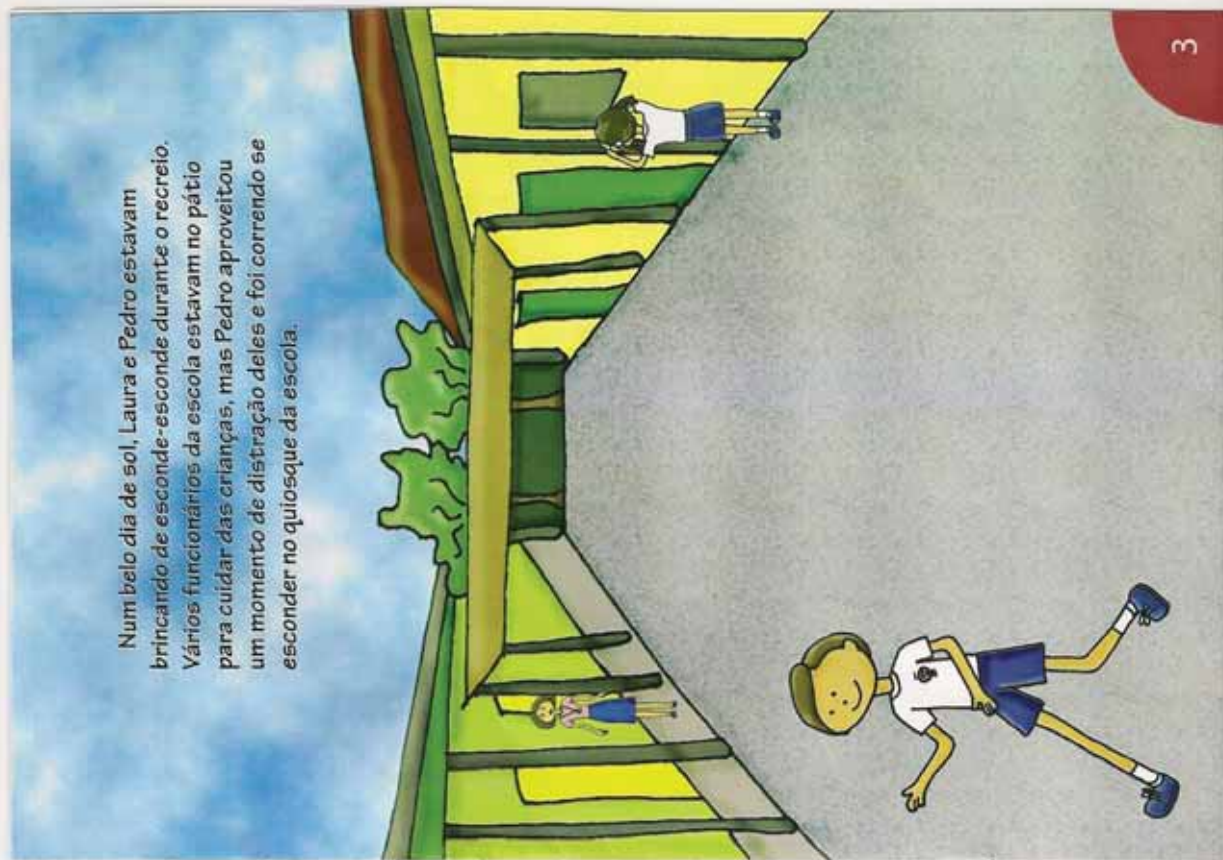
Esta é a conclusão a que chegou Pedro, um menino muito esperto, que mudou o seu comportamento após sofrer um terrível acidente na escola. Agora ele ouve os conselhos dos adultos e ensina outras crianças como você.

A escola também aprendeu e promoveu várias mudanças para a segurança das crianças.

Não precisamos sofrer acidentes para aprendermos.

Vamos aprender com o Pedro?

Num belo dia de sol, Laura e Pedro estavam brincando de esconde-esconde durante o recreio. Vários funcionários da escola estavam no pátio para cuidar das crianças, mas Pedro aproveitou um momento de distração deles e foi correndo se esconder no quiosque da escola.



Este livro é parte do Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia de Bruna Vilas Boas
Orientadora: D^{ra} Sandra Regina Gimenez-Paschoal
ilustrações Marieta Bonadio

UNESP - Campus Marília-SP
Faculdade de Filosofia e Ciências
2010

Vilas Boas, Bruna
Vivendo contente e bem longe dos acidentes / Bruna Vilas Boas ;
Sandra Regina Gimenez-Paschoal ; ilustrações Marieta Bonadio -
Marília, 2010

Livro paradidático.

Quando chegou lá, ele ficou pensando qual seria o melhor lugar para se esconder e decidiu, então, subir na árvore mais alta, senão a Laura logo o encontraria.



Antes que ele chegasse ao topo da árvore

craft!!!

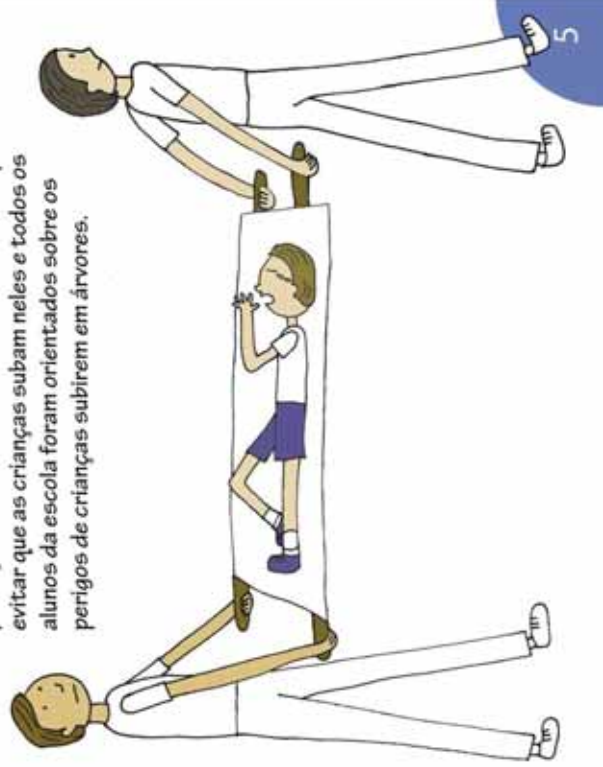
O galho quebrou e Pedro sofreu uma terrível queda.

4

Laura e todos os funcionários da escola ouviram os gritos do menino e correram para socorrê-lo. Em poucos minutos, chegou uma ambulância na escola e levou Pedro ao hospital.

O médico que o atendeu disse aos pais de Pedro que ele havia quebrado a perna, mas que logo ficaria bom outra vez.

Os funcionários da escola ficaram muito chateados com o que ocorreu e se lamentaram por não terem prestado mais atenção para evitar que o menino se machucasse e a partir daquele dia não mais se descuidaram das crianças. Depois disso, a diretora da escola providenciou uma proteção em torno dos troncos das árvores para evitar que as crianças subam neles e todos os alunos da escola foram orientados sobre os perigos de crianças subirem em árvores.



5

Certo dia, Laura foi visitar Pedro em casa e ele foi logo contando para a amiguinha:

- Laurinha, estou morrendo de vontade de voltar para a escola e encontrar logo toda a turma. Agora eu aprendi a lição!

Meus pais falaram que a gente tem que tomar alguns cuidados para não se machucar.

Além disso, a professora veio me visitar e me entregou um monte de tarefas que tenho que fazer e também me ensinou uma porção de coisas que a gente pode fazer para se proteger.

Eles disseram que a gente deve tomar cuidado com o chão liso, ainda mais quando está molhado, para evitar os escorregões, e com buracos ou brinquedos no chão, para não tropeçar e cair.

Falaram que é importante a gente usar capacete, joelheira e cotoveleira, quando for andar de bicicleta, patinete ou patins e que a gente nunca deve descer de cabeça para baixo no escorregador.



Também falaram para brincarmos sempre em locais seguros no chão e não empinar pipas em cima de lajes ou subir em árvores e muros.

Elas disseram também que a gente não deve subir nas grades de proteção que ficam em volta da escola ou sentar sobre os corrimões que ficam no pátio, porque a gente pode cair e se machucar.

Agora eu sei que os acidentes existem, mas também que a gente pode sim evitar que eles aconteçam, e com a ajuda de todos os adultos.

Apesar de tudo que me aconteceu, eu aprendi muitas coisas novas e vou mudar meu comportamento, para evitar maior sofrimento.

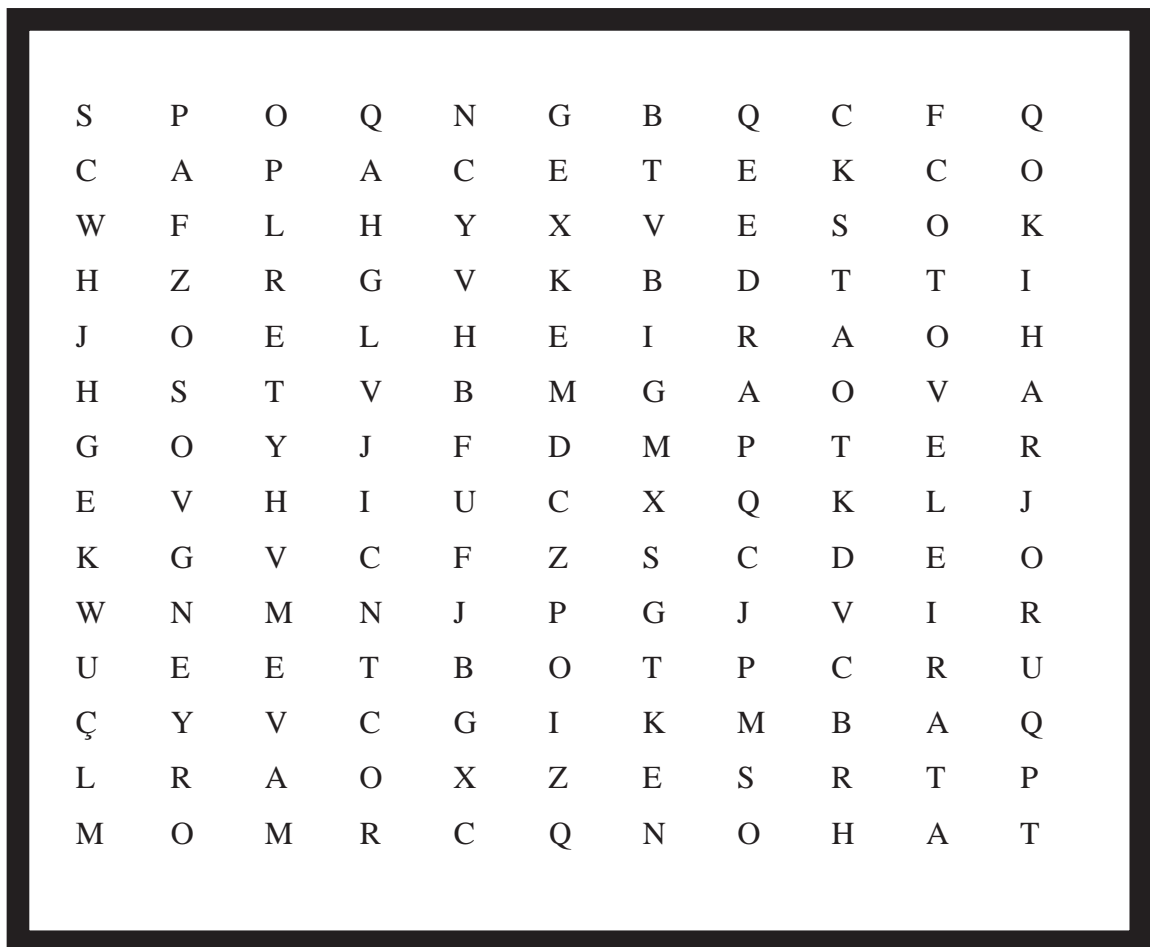
- Eu também vou tomar mais cuidado, disse Laurinha.



APÊNDICE G

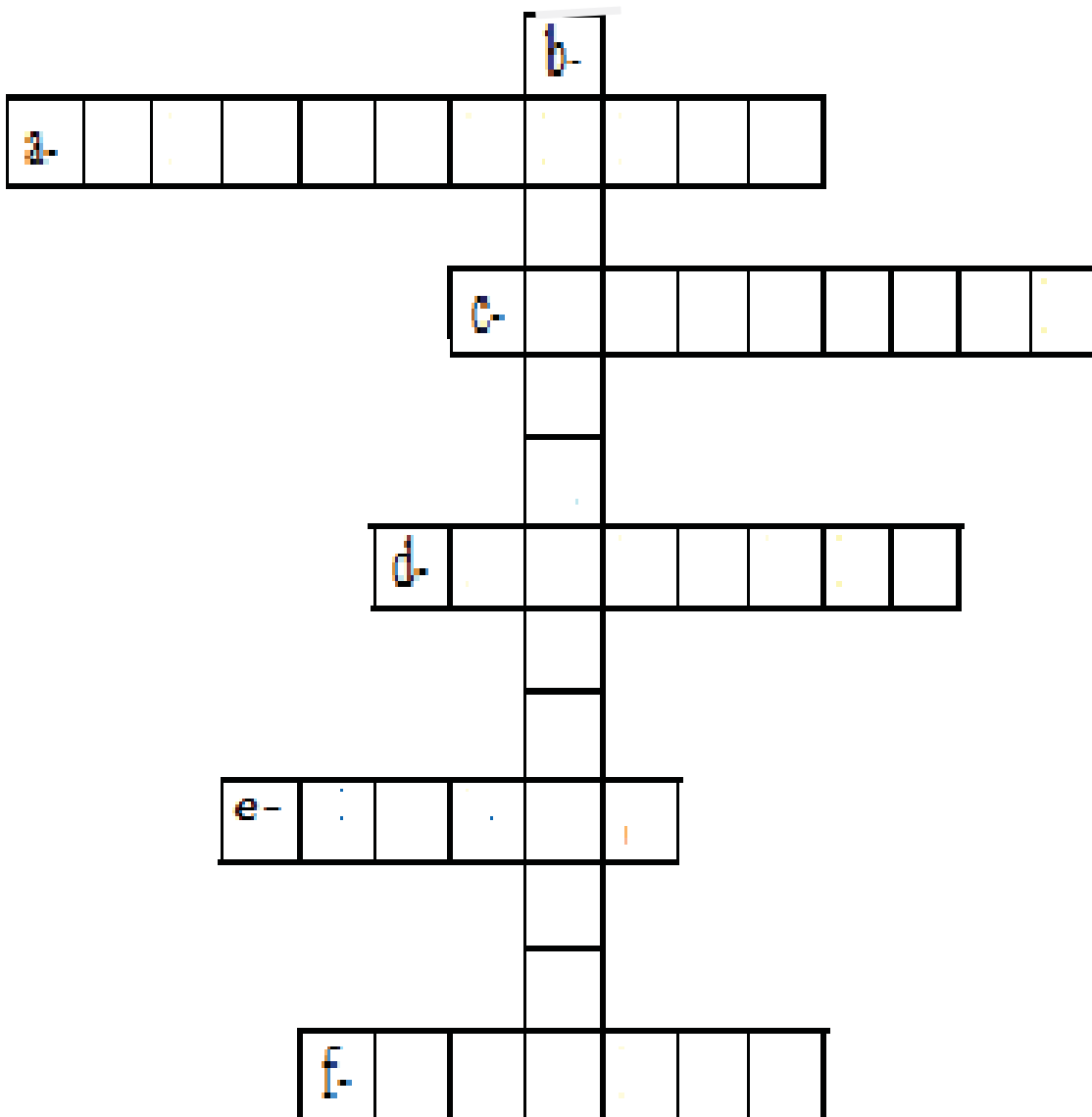
ATIVIDADES COMPLEMENTARES

- 1- Encontre no caça-palavras abaixo 3 objetos de segurança que devem ser utilizados quando você for andar de patins, patinete, bicicleta ou skate.



2- CRUZADINHA

- a- Devemos guardar os _____ depois de brincar, porque se eles ficarem espalhados pelo chão podemos tropeçar e cair.
- b- Não podemos descer de cabeça para baixo no _____. Só podemos escorregar sentados.
- c- Devemos usar _____, joelheira e cotoveleira quando formos andar de bicicleta, patinete ou patins.
- d- Não podemos subir em _____ ou muros porque podemos cair desses lugares altos e sofrer uma terrível queda.
- e- Podemos soltar ___ em parques e bosques, mas nunca em cima de lajes ou telhados.
- f- Não podemos ___ na hora do recreio, pois podemos trombar com nossos amigos, cair e nos machucarmos. Há muitas brincadeiras legais para fazermos nesse momento.



3- LABIRINTO

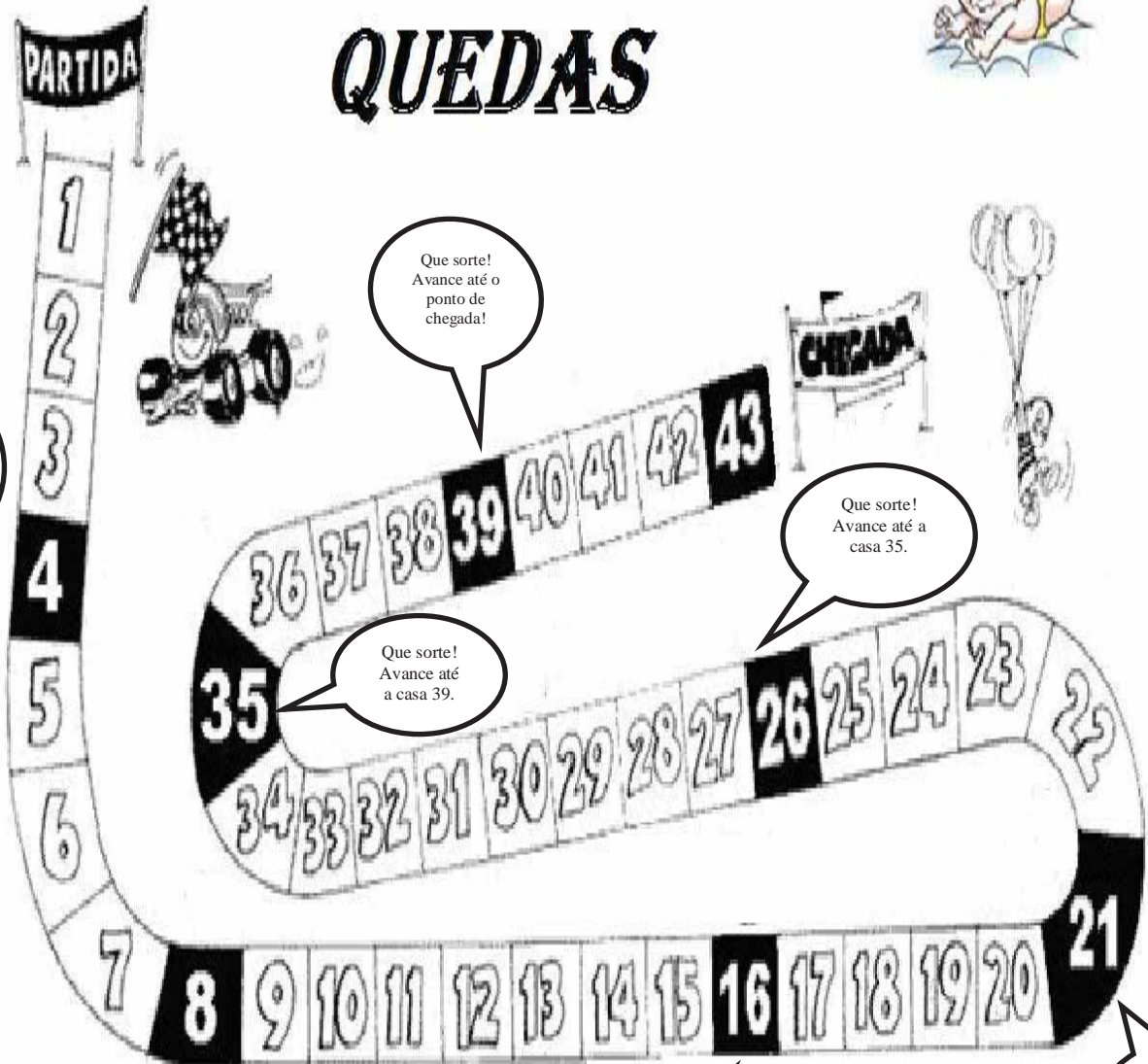


Laura ouviu os conselhos de seus pais e de sua professora e tomou cuidado para não sofrer acidentes! Ajude ela a chegar ao parque e brincar ao redor da árvore que têm proteção para evitar que as crianças se machuquem.



APÊNDICE H

JOGO SOBRE QUEDAS



Que sorte!
Avance até
a casa 8.

Que sorte!
Avance até o
ponto de
chegada!

Que sorte!
Avance até a
casa 35.

Que sorte!
Avance até
a casa 39.

Que sorte!
Avance até
a casa 16.

Que sorte!
Avance
até a casa
21.

Que sorte!
Avance até a
casa 26.

APÊNDICE I

JOGO SOBRE QUEDAS:

Regras do jogo:

- Cada participante escolhe a cor dos papezinhos que deseja jogar e os posiciona na linha de partida.
- Começa o jogo quem tirar o maior número nos dados;
- A ordem de cada jogador será estabelecida com base no total de pontos tirados nos dados;
- O primeiro jogador deverá jogar o dado e mover a quantidade de casas correspondentes ao número do dado;
- Ao parar em uma casa, deverá retirar uma das cartas de sorte e azar e ler para os colegas, devendo avançar ou voltar às casas, conforme indicado em cada carta;
- Em seguida, será a vez do próximo participante a jogar.
- Se o jogador cair nas casas escuras que estão marcadas no tabuleiro, poderá avançar apenas uma vez para a próxima casa marcada, devendo retirar a carta de sorte e azar e obedecer à indicação da casa;
- Ganha o jogo, o jogador que cruzar primeiro a linha de chegada!

APÊNDICE J

CARTAS DE SORTE:

1. Você colocou os equipamentos de segurança e foi andar de bicicleta. Muito bem! Avance 3 casas.
2. Você contou para seus amigos que é importante ouvir os conselhos dos adultos para evitar a ocorrência dos acidentes. Parabéns! Avance 2 casas.
3. Você brincou de pipa no parque, sem subir em lajes ou telhados. Que boa ideia! Avance 2 casas.
4. Na sua escola, há proteção em volta das árvores para impedir que as crianças subam nelas. Essa é uma escola segura! Avance 3 casas.
5. Você não correu na hora do recreio para não se machucar, seguindo as dicas de segurança que a sua professora deu na sala de aula. Parabéns! Avance 3 casas.
6. Você aproveitou a sombra da árvore para brincar no chão com seus brinquedos favoritos, em vez de subir nela e correr o risco de se acidentar. Muito bem! Avance 2 casas.

CARTAS AZAR:

1. Você esqueceu de colocar a joelheira, cotoveleira e capacete e foi andar de skate. Volte 3 casas.
2. Você acha que ouvir os conselhos dos adultos é a maior chateação e nem presta atenção no que eles dizem. Volte 2 casa.
3. Você pulou o muro do vizinho para pegar a bola. Você poderia ter pedido que ele devolvesse para você. Volte 2 casas.
4. Você correu na hora do recreio e trombou com seu colega de sala. Volte 3 casas.
5. Você desceu de cabeça para baixo no escorregador. Que perigo! Volte 3 casas.
6. Você deixou os brinquedos espalhados pelo chão e seu irmão tropeçou neles e caiu. Volte 2 casas.

APÊNDICE K

AÇÃO EDUCATIVA VOLTADA PARA PREVENÇÃO DE QUEDAS ACIDENTAIS

Bruna Vilas Bôas

Mestrado em Educação- UNESP

TEMA

Acidente infantil doméstico, especificamente quedas.

OBJETIVOS GERAIS

Avaliar implicações de material paradidático na aprendizagem de conceitos sobre a prevenção de quedas acidentais.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1) Identificar conhecimentos prévios dos alunos;
- 2) Trabalhar os conceitos relacionados ao acidente de quedas;
- 3) Envolver os alunos em atividades de promoção da segurança e prevenção de quedas;
- 4) Avaliar atividades realizadas.

AMBIENTE

Sala de aula do quarto ano do Ensino Fundamental.

MATERIAIS

Material paradidático e atividades complementares.

PARTICIPANTES

Alunos do quarto ano do Ensino Fundamental e a professora da sala.

PROCEDIMENTOS:

1º dia – Apresentação, identificação dos conhecimentos prévios dos alunos (pré-teste) e realização da ação educativa.

Neste momento, a pesquisadora irá se apresentar à turma, identificando-se e relatando os objetivos de sua pesquisa.

Em seguida, distribuirá um questionário para identificação dos conhecimentos prévios apresentados pelos alunos.

Durante a ação educativa a pesquisadora irá questionar os alunos sobre o que eles acreditam que são as quedas acidentais e solicitar que citem exemplos.

Caso alguém conte sobre algum acidente acontecido consigo ou com outra pessoa, a pesquisadora questionará quais foram as conseqüências para essa pessoa, procurando ouvir cada relato de uma vez e permitindo que todas as crianças expressem sua opinião.

Posteriormente, os alunos serão questionados sobre os motivos pelos quais as crianças podem se acidentar com as quedas e quais são os fatores de risco e segurança para sua ocorrência.

A pesquisadora procurará ainda ouvir os relatos de situações ocorridas no ambiente escolar, especificamente sobre as quedas ali ocorridas.

Em seguida a pesquisadora apresentará o livro paradidático aos alunos, realizando posteriormente a leitura do mesmo. Ao final, permitirá que cada aluno manuseie o livro para melhor ver as ilustrações ali presentes.

Em seguida, serão realizadas as seguintes atividades:

- a) Caça-palavras
- b) Cruzadinha
- c) Labirinto

As atividades serão impressas e entregues a cada um dos alunos. Primeiramente, a pesquisadora explicará as atividades para a sala e deixará que as crianças resolvam livremente as atividades propostas. Ajudará os alunos com maior dificuldade, contando com o auxílio da professora da turma.

Ao final, será feita correção coletiva dos exercícios propostos, enfatizando os conteúdos aprendidos.

2º dia – Avaliação da ação realizada (pós-teste).

Neste momento, o questionário preenchido no primeiro dia será novamente entregue aos alunos. A pesquisadora solicitará ainda que a professora da turma responda a um questionário avaliativo de modo a avaliar o material paradidático e as ações educativas realizadas com os alunos.

APÊNDICE L

AÇÃO EDUCATIVA VOLTADA PARA PREVENÇÃO DE QUEDAS ACIDENTAIS

Bruna Vilas Bôas

Mestrado em Educação- UNESP

TEMA

Acidente infantil doméstico, especificamente quedas.

OBJETIVOS GERAIS

Avaliar implicações de jogo educativo na aprendizagem de conceitos sobre a prevenção de quedas acidentais.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1) Identificar conhecimentos prévios dos alunos;
- 2) Trabalhar os conceitos relacionados ao acidente de quedas;
- 3) Envolver os alunos em atividades de promoção da segurança e prevenção de quedas;
- 4) Avaliar atividades realizadas.

AMBIENTE

Sala de aula do quarto ano do Ensino Fundamental.

MATERIAIS

5 tabuleiros de jogo educativo, construído previamente pela pesquisadora.

5 dados

30 peões, sendo 5 de cada uma das seguintes cores: branco, azul, preto, vermelho, verde e amarelo.

PARTICIPANTES

Alunos do quarto ano do Ensino Fundamental e a professora da sala.

PROCEDIMENTOS:

1º dia – Apresentação, identificação conhecimentos prévios dos alunos (pré-teste) e realização da ação educativa.

Neste momento, a pesquisadora irá se apresentar à turma, identificando-se e relatando os objetivos de sua pesquisa.

Em seguida, distribuirá um questionário para identificação dos conhecimentos prévios apresentados pelos alunos.

Durante a ação educativa a pesquisadora irá questionar os alunos sobre o que eles acreditam que são as quedas acidentais e solicitar que citem exemplos.

Caso alguém conte sobre algum acidente acontecido consigo ou com outra pessoa, a pesquisadora questionará quais foram as conseqüências para essa pessoa, procurando ouvir cada relato de uma vez e permitindo que todas as crianças expressem sua opinião.

Posteriormente, os alunos serão questionados sobre os motivos pelos quais as crianças podem se acidentar com as quedas e quais são os fatores de risco e segurança para sua ocorrência.

A pesquisadora procurará ainda ouvir os relatos de situações ocorridas no ambiente escolar, especificamente sobre as quedas ali ocorridas.

Em seguida, a pesquisadora apresentará o jogo educativo, mostrando as partes que o compõem (dado, cartas de sorte e/ou revés, tabuleiro) e propondo que a sala seja dividida em grupos de 4 ou 5 crianças, dependendo do número total de alunos matriculados na sala. A escolha dos alunos em cada grupo ocorrerá por meio de um sorteio aleatório.

A pesquisadora irá explicar as regras do jogo, e distribuirá aos alunos uma folha com as instruções de como jogar.

O jogo será distribuído em cada grupo, para que os alunos brinquem com o mesmo, sendo que o grupo estará sob a coordenação da pesquisadora e da professora da turma.

Ao final, será feita uma discussão sobre os conceitos abordados no jogo, de modo que os alunos expressem os conhecimentos adquiridos.

2º dia – Avaliação da ação realizada (pós-teste).

Neste momento, o questionário preenchido no primeiro dia será novamente entregue aos alunos. A pesquisadora solicitará ainda que a professora da turma responda a um questionário avaliativo de modo a avaliar o jogo educativo e as ações educativas realizadas com os alunos.

Autorizo, exclusivamente, para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, por processos fotocopiadores ou outros.

Bruna Vilas Bôas.

Marília, 22 de fevereiro de 2013.